



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
Bacharelado em Urbanismo

**LORENNALEMOS CARDOSO**

**CARTOGRAFIA AFETIVA E MEMÓRIA URBANA  
ATRAVÉS DA ESCRITA DE ZÉLIA GATTAI**

Salvador-BA

2023

**LORENNA LEMOS CARDOSO**

**CARTOGRAFIA AFETIVA E MEMÓRIA URBANA  
ATRAVÉS DA ESCRITA DE ZÉLIA GATTAI**

Relatório do Trabalho de Conclusão do Curso  
apresentado como requisito parcial para obtenção do  
título de Urbanista da Universidade do Estado da  
Bahia.

Orientadora: Prof. Dra. Lirandina Gomes

Salvador-BA

2023

**LORENNALEMOS CARDOSO**

**CARTOGRAFIA AFETIVA E MEMÓRIA URBANA  
ATRAVÉS DA ESCRITA DE ZÉLIA GATTAI**

Relatório do Trabalho de Conclusão do Curso  
apresentado como requisito parcial para obtenção do  
título de Urbanista da Universidade do Estado da  
Bahia.

Orientadora: Prof. Dra. Lirandina Gomes

APROVADO em 07 de julho de 2023.

---

Profa. Dra. Camila Gomes Sant'Anna

---

Profa. Dra. Nelma Aronia Santos

---

Prof. Dra. Lirandina Gomes  
(Orientadora)

Salvador-BA

2023

## RESUMO

O presente trabalho aborda o estudo do espaço urbano pelas leitoras e produtoras especiais da cidade, grupo caracterizado por escritoras, fotógrafas e artistas que analisam, debatem e documentam o espaço urbano. No contexto da literatura feminina, as trajetórias urbanas possibilitam a compreensão da importância desses relatos para o conhecimento dos eventos políticos, econômicos e sociais, bem como para a visibilização da história vivida pelas mulheres nas cidades. A partir da referência da escritora brasileira Zélia Gattai, que eternizou os lugares que contextualizaram sua vida em seus livros de memórias, se objetivou destacar a importância da literatura das mulheres como referência para os estudos urbanos, utilizando as obras "Anarquistas, Graças a Deus" (1979) e "Città di Roma" (2000). Para isto, fez-se um levantamento bibliográfico, documental e cartográfico. Foram identificados e georreferenciados os lugares descritos em seus livros na plataforma digital Google My Maps. Dessa forma, espera-se que esse trabalho venha a contribuir para um maior conhecimento e divulgação da produção literária da escritora, em especial no campo do urbanismo.

**Palavras-chave:** Urbanismo. Cartografia afetiva. Memória urbana.

## ABSTRACT

The present work approaches the study of the urban space by the city's special readers and producers, a group characterized by writers, photographers and artists who analyze, debate and document the urban space. In the context of women's literature, urban trajectories make it possible to understand the importance of these reports for understanding political, economic and social events, as well as for making visible the history lived by women in cities. Based on the reference of the Brazilian writer Zélia Gattai, who immortalized the places that contextualized her life in her memoirs, the aim was to highlight the importance of women's literature as a reference for urban studies, using the works "Anarchists, Thanks to God" (1979) and "Città di Roma" (2000). For this, a bibliographical, documentary and cartographic survey was carried out. The places described in her books on the Google My Maps digital platform were identified and georeferenced. In this way, it is expected that this work will contribute to a greater knowledge and dissemination of the writer's literary production, especially in the field of urbanism.

**Keywords:** Urbanism. Affective cartography. Urban memory.

## SUMÁRIO

Introdução	6
1 Produtores do Espaço Urbano	7
2 Consumidores do Espaço Urbano	8
3 Escritoras como Leitoras e Produtoras Especiais da Cidade	9
4 Memória Urbana e Expressão Geopoética	9
5 Cartografia Afetiva	10
6 Paisagem Urbana	11
7 Zélia Gattai	12
7.1 Anarquistas, Graças a Deus	13
7.2 Città di Roma	14
8. Mapa Afetivo	15
8.1 Florença, Toscana	16
8.2 Perarolo di Cadore, Vêneto	17
8.3 Porto de Gênova, Ligúria	19
8.4 Gênova - Santos	21
8.5 Porto de Santos, Santos	22
8.6 Santos - Paranaguá	24
8.7 Colônia Cecília, Palmeira	25
8.8 Cândido Mota	27
8.9 Bairro do Brás	29
8.10 Rua Caetano Pinto, Brás	30
8.11 1ª Casa dos Gattai, Alameda Santos	32
8.12 Alameda Santos	33
8.13 Avenida Paulista	35
8.14 Bairro da Consolação	37
8.15 Bairro do Bixiga	38
8.16 Rua Direita, Sé	39
8.17 Bairro da Vila Madalena	40
8.18 Cidade de São Paulo	42
8.19 Depósito de Cachorros	44
8.20 Salão das Classes Laboriosas	46
8.21 Grupo Escolar	47
8.22 Escola Normal	48
8.23 Parque Jardim da Luz	49
8.24 Lago de Águas Férreas	51
8.25 Várzea	52
8.26 Parque da Antártica	53
8.27 Salão Belvedere Trianon	54
8.28 Cinema América	55
8.29 Circos Itinerantes	57
8.30 Theatro Municipal	58
8.31 2ª Casa dos Gattai, Rua Alves Guimarães	59
8.32 São Caetano do Sul	60
8.33 Estrada Velha de Santos	62
8.34 Praia de Gonzaga, Santos	63
8.35 Praia das Pitangueiras, Guarujá	64
8.36 Capela do Ribeirão (Mogi das Cruzes).	66
9 Considerações Finais	67
Referências	68

## INTRODUÇÃO

O estudo ocidental sobre o espaço urbano tem suas origens no século XIX, período em que as cidades europeias passaram por transformações socioespaciais decorrentes das novas relações econômicas de produção que vinham surgindo. O aumento da população nas cidades, incentivado pela nova política de industrialização do espaço, acarretou em diversos problemas infraestruturais, habitacionais e ambientais, cujo debate tornou-se central entre os chamados produtores do espaço - elites dirigentes compostas por médicos sanitaristas, arquitetos, urbanistas, designers, geógrafos e economistas. Por outro lado, o assunto também vem sendo analisado, debatido e documentado por escritores, fotógrafos e artistas, grupo caracterizado por PESAVENTO (1965) como consumidores do espaço ou “leitores e produtores especiais da cidade”. Apesar da invisibilização desse tipo de conhecimento na academia, esse grupo tem a possibilidade de contribuir valiosamente na cidade sentida e vivida, na memória urbana.

Na medida em que se investiga a produção e popularização desse campo de conhecimento na literatura, fica evidente, entretanto, a discrepância entre homens e mulheres que ocupam tais lugares. Sob um sistema de organização social de dominação masculina, são comuns à vida das mulheres a marginalização de trabalhos e o desincentivo ao estudo e à escrita. Isso porque o papel sexual designado às mulheres desde a infância limita-se no geral à vida privada, com pouco acesso e material para a criação e o desenvolvimento fora do lar. As trajetórias urbanas na literatura feminina, no entanto, possibilitam a compreensão da importância desse tipo de documento, tanto no conhecimento sobre eventos políticos, econômicos e sociais narrados, quanto no processo de visibilização da história experienciada por mulheres nas cidades.

Esse é o caso de Zélia Gattai, paulista, descendente de imigrantes italianos, que em seus livros de memórias encontrou um espaço para eternizar os lugares que contextualizaram sua vida. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo constatar a importância da literatura escrita por mulheres como referência para os estudos urbanos. Para isso, optou-se por construir uma mídia eletrônica no formato de cartografia afetiva das obras “Anarquistas, Graças a Deus” (1979) e “Città di Roma” (2000), de Zélia Gattai. Esses livros revelam-se importantes por relatar, no período de

sua infância, as transformações socioespaciais no início da urbanização da cidade de São Paulo.

A metodologia utilizada para elaboração da revista e do mapa digital, enquanto produtos de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, consiste em um levantamento bibliográfico da autora. Nas obras selecionadas, foram identificados os lugares habitados e visitados por Zélia e seus familiares. Em seguida, fez-se o georreferenciamento dos trechos dos capítulos na plataforma digital *Google My Maps*. Prosseguiu-se com um levantamento de imagens e documentos do fim do século XIX, início do século XX – períodos abordados em suas obras – e do século XXI dos pontos geolocalizados, visando contextualizar os processos urbanos que ocorreram nos cenários relatados e fazer um comparativo com o período contemporâneo.

## 1 PRODUTORES DO ESPAÇO URBANO

O espaço urbano pode ser lido como um espelho da lógica econômica capitalista, em que os agentes sociais são divididos entre produtores e consumidores do espaço. Os agentes produtores são definidos por Sandra Pesavento (2008) como a elite dirigente, que engloba profissionais das áreas de design, arquitetura, engenharia, urbanismo e medicina higienista, assim como políticos(as) e funcionários(as) técnicos(as) da urbe. Segundo a autora, são:

(...) agentes do urbano que são detentores do saber e do poder de transformar a cidade, redesenhá-la, destruí-la, edificá-la, preservá-la ou remodelá-la segundo as diretrizes e normas da técnica, da estética, da moda e da tendência, das leis do mercado e das diretrizes da política. (PESAVENTO, 2008, p. 9)

Via de regra, os ideais executados por esse grupo, que detém poder para intervir nos territórios, são baseados nos modelos de desenho urbano funcionalista e economicista, difundidos no urbanismo moderno ao longo do século XX. Tais conhecimentos científicos e especializados atendem aos interesses hegemônicos mercadológicos, cujos atores são identificados por Roberto Lobato Corrêa (1989) como os proprietários dos meios de produção, promotores imobiliários e fundiários. Suas atuações, no entanto, redefinem-se de acordo com as estratégias e práticas econômicas. Os interesses dos grupos capitalistas repercutem sobre o espaço urbano, que é produzido e reproduzido com o objetivo de sustentar a desigualdade socioespacial.

## 2 CONSUMIDORES DO ESPAÇO URBANO

Os consumidores do espaço urbano correspondem aos habitantes, trabalhadoras e trabalhadores, visitantes e turistas, que dão uso e interagem com os diferentes serviços e elementos das áreas urbanas. Tal denominação deriva da atividade de consumo de bens e serviços especializados na cidade. De acordo com Pesavento (2008),

(...) aqueles que no centro da cidade vivem, trabalham ou transitam. Homens [mulheres e crianças] comuns, cidadãos da urbe, eles não tem, contudo, o saber ou o poder de nela intervir para modificá-la dentro da ordem legal. Mas, no consumo do espaço através do tempo, eles também transformam e produzem a cidade com as suas vidas. São também atores e agentes da história, portadores de memória (PESAVENTO, 2008, p. 9)

Tendo em vista que esse grupo representa o público que mantém estabelecimentos comerciais ativos ou inativos, fica evidente a importância de suas preferências e escolhas para a economia local. Seus padrões de uso e consumo do espaço, no entanto, se diferenciam segundo classe social, racial, econômica, sexualidade, faixa etária, condições físicas e mentais, modos de vida, entre outras condicionantes, que estão sujeitas a se interseccionarem.

Por mais que sejam detentores de direitos e responsabilidades cidadãs, essas pessoas são frequentemente deslocadas dos espaços de discussões e decisão sobre o futuro das cidades. Corrêa (1989) define ainda aqueles que são alvos diretos da marginalização e violência urbana, os chamados grupos sociais excluídos. Muitos deles mostram-se, contudo, insurgentes às políticas de manutenção de poder da classe dominante, sobretudo quando se organizam coletivamente. Estratégias como essa são utilizadas para defesa do direito à cidade.

### 3 ESCRITORAS COMO LEITORAS E PRODUTORAS ESPECIAIS DA CIDADE

As leitoras e produtoras especiais da cidade caracterizam-se como um grupo que utiliza os sentidos do corpo para interpretar o espaço urbano e transformá-lo em produção artística. Pesavento (2008) aborda que:

(...) [Entre os consumidores do espaço, alguns deles] são leitores e 'produtores' especiais da cidade: fotógrafos, poetas, romancistas, pintores, desenhistas, a seu modo eles constroem cidades possíveis ou improváveis, através de um conhecimento sensível (...). Eles também elegem, para além dos produtores do espaço, construtores de monumentos e de ações de intervenção no urbano, os seus lugares de memória. (PESAVENTO, 2008, p. 9)

Na escrita, no entanto, predomina-se um acervo literário masculino, onde a visão de mundo dos homens torna-se universal. Como consequência, nos deparamos com a falta de incentivos e o apagamento das mulheres no campo das artes. A persistência de um problema estrutural de supremacia masculina marginaliza e subjuga o trabalho de escritoras, que muitas vezes se recorreram ao anonimato ou a pseudônimos masculinos para publicarem suas obras. As perspectivas femininas são encaradas como exóticas, assuntos unicamente de mulheres. É necessário, por sua vez, desvelar essa invisibilidade e promover a valorização das vozes femininas na literatura.

Estudos críticos e iniciativas de escrita feminista são essenciais para resgatar a riqueza das experiências e perspectivas das mulheres nas cidades, reconhecendo-as como agentes ativas na construção do conhecimento e da memória urbana. Além disso, é fundamental que haja espaços seguros para que as mulheres possam expressar suas vivências e narrativas de forma autêntica, sem que precisem se adaptar aos moldes da narrativa patriarcal para serem ouvidas ou lidas.

### 4 MEMÓRIA URBANA E EXPRESSÃO GEOPOÉTICA

A memória urbana se refere a um conjunto de narrativas, representações coletivas e lembranças cotidianas e de eventos que são construídas e preservadas nas cidades ao longo do tempo. Ela é composta pela conexão entre as (os) habitantes e viajantes, os espaços percorridos no passado e os significados atribuídos pelos usos de ruas, parques, equipamentos e infraestrutura urbana, edifícios, instituições, monumentos, entre outros elementos da cidade. Segundo Pesavento (2008), a

relação do espaço físico com a atribuição da comunidade simbólica de sentidos distingue os lugares de memória de uma cidade.

“Uma cidade possui seus mitos, suas lendas, suas histórias extraordinárias, transmitidas de boca em boca, de geração em geração, através da oralidade. A história e a memória de uma cidade é também o boato, o ouvir dizer, o relato memorialístico que se apóia não só na lembrança pessoal de quem evoca, mas também naquilo que foi contado um dia por alguém cujo nome não mais se sabe.” (PESAVENTO, 2008, p. 4)

São formadas identidades locais, com ritos e práticas sociais diferenciadas. Na medida em que essa relação é materializada na arte, podemos notar a presença da geopoética, termo cunhado por Kenneth White em 1980, que corresponde ao estudo das complexas relações entre o eu, a palavra e o mundo, a procura de uma nova expressividade, uma poética do mundo. Para este fim, "a abordagem geopoética explora o caminho arcaico e a voz anárquica, antes de embarcar noutros caminhos sem nome" (POULET, 2022, p. 3). Através da geopoética, temos acesso à apropriação dos lugares por uma população que deixa sua marca no estilo de vida construído, nas histórias contadas, nos hábitos, nas tradições e festas celebradas, ou seja, nas manifestações populares que se tornam patrimônio cultural.

## 5 CARTOGRAFIA AFETIVA

A cartografia afetiva ou mapeamento afetivo é um método utilizado para representar a relação afetiva do sujeito com o ambiente geográfico. É uma forma de cartografia que caminha entre o imaginário e o real, na medida em que vincula experiências emocionais e subjetivas com a representação topográfica dos lugares. De acordo com Ribeiro (2020),

A Cartografia Afetiva baseada em Mapas Afetivos é compreendida como um olhar carregado de afetividade sobre os espaços de vida, capaz de gerar um sentimento de pertencimento, de promover a aprendizagem cooperativa e de desenvolver ações de preservação do patrimônio e de valorização de sua memória cultural. (RIBEIRO, 2020, p. 21)

Para sua construção, são coletados depoimentos, feitos através de entrevistas ou relatos escritos, assim como outros tipos de representações artísticas que traduzem a relação entre o sujeito e espaço identificado. A partir desses dados, é possível criar mapas que representam interações afetivas com os elementos urbanos. Geralmente, os locais fixos são georreferenciados com pontos ou polígonos, enquanto que os trajetos ou travessias são representados por linhas.

Os mapas afetivos podem revelar padrões e tendências construídas individual e coletivamente. Permite ainda a interação com o espaço, tanto de forma virtual, através de uma mídia eletrônica cartográfica, quanto física, por meio de um turismo literário e geopoético. Essas representações são úteis para conhecer a paisagem urbana e sua relação com o sujeito que a documenta.

## 6 PAISAGEM URBANA

A paisagem urbana é, segundo Sandra Pesavento (2008), uma paisagem social, construída pela associação de elementos físicos e simbólicos atribuídos pela população. A cidade habitada, circulada, carrega consigo crenças, lendas e tradições formadas a partir da apropriação social do território.

“(...) uma paisagem é um recorte da natureza organizada pelo olhar e, no caso da cidade, reveladora da apropriação social do território. (...) [As] paisagens são também culturais, ou seja, carregadas do simbólico. Se soubermos que em um determinado lugar algo de significativo, marcante ou excepcional ocorreu, se nos for transmitido um conhecimento de como era este espaço no passado, este lugar será por nós composto mentalmente como uma paisagem imaginária de sentido.” (PESAVENTO, 2008, p. 9)

Enquanto *lócus* das manifestações culturais, a cidade é captada pelo olhar individual e coletivo que a distingue de outras, de acordo o uso dos elementos urbanos. Na fotografia, Cláudia Vieira (2017) identifica informações que evidenciam ocupações exercidas na cidade. Tal recurso soma-se à produção textual, não apenas enquanto exemplo do que está escrito, mas com valor próprio, sensível ao olhar de quem capta e de quem interpreta a presença e a ausência de informações visuais no momento do registro.

Essa forma de explorar e documentar a vida urbana proporciona comparar a cidade do passado com a do presente, levando em conta as limitações tecnológicas e de justaposição das imagens. Podemos observar a evolução da paisagem urbana, conforme as intervenções dos produtores e consumidores do espaço e a reação da natureza. Podemos identificar a presença e a ausência dos atores sociais e suas atividades no espaço. A paisagem urbana está sujeita, portanto, a modificações ao longo do tempo.

## 7 ZÉLIA GATTAI



Fonte: Autoria desconhecida.

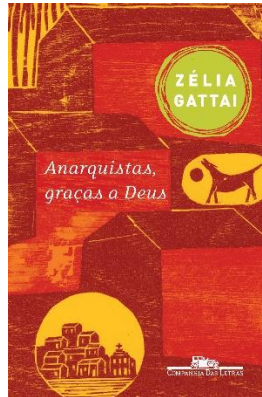
Zélia Gattai nasceu em 2 de julho de 1916, na cidade de São Paulo, e faleceu em 17 de maio de 2008, em Salvador, Bahia. Ao longo dos seus 91 anos, foi escritora, memorialista e fotógrafa, residindo grande parte da sua vida na Casa do Rio Vermelho, atual patrimônio histórico e museu cultural da capital baiana. Vivendo sua infância no começo do século XX, Zélia acompanhou de perto o processo de urbanização de São Paulo.

A escritora participou do movimento político-operário anarquista com sua família de imigrantes italianos e de comissões políticas em defesa dos trabalhadores, fato que a aproximou de personalidades políticas, intelectuais e artísticas, como Jorge Amado, com quem se casou. Em um cenário pós-guerra, de perseguição política e revolta popular, Zélia trouxe em seus relatos a experiência no exílio na Europa com sua família. Em suas viagens, conheceu países que adotaram modelos de governo com menos divisão de classe econômica, com oferta e qualidade em serviços e equipamentos públicos. Também presenciou, por sua vez, o silenciamento, a censura, a escassez e os privilégios de poder para determinados grupos.

No Brasil, Zélia participou do movimento pela anistia dos presos políticos durante a ditadura militar. Durante sua trajetória literária, recebeu diversos prêmios, e em 2001 foi eleita para a Academia Brasileira de Letras (cadeira 23), a Academia de Letras da Bahia e a Academia Ilheense de Letras. Em seus livros, Zélia escreveu suas memórias vividas, assim como as lembranças ouvidas nas histórias contadas pelos seus familiares e amigos. Acompanhamos acontecimentos sociais, culturais, políticos e econômicos no Brasil, assim como suas experiências de viagens em diversos cantos do mundo.

## 7.1 ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS (1979)

**Imagem 02** — Livro “Anarquistas, Graças a Deus”, 1979. Edição de 2009.



Fonte: Editora Companhia das Letras.

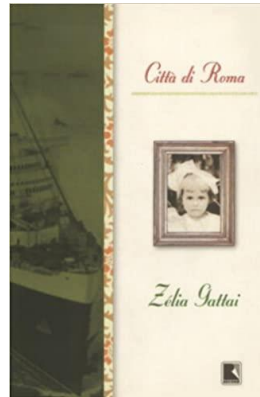
Em seu primeiro de estreia, Zélia Gattai narra, aos 63 anos, crônicas familiares e memórias de sua infância em São Paulo nas décadas de 1920 e 1930 - período em que se inicia o processo de urbanização da cidade. Utilizando o gênero memorialístico da literatura, a autora escreve em seus relatos biográficos questões políticas, conflitos sociais e vivências cotidianas.

O livro é considerado um testemunho histórico e cultural valioso, por abordar, com um olhar íntimo e geopoético, os movimentos migratórios italianos, o anarquismo no Brasil, as organizações políticas da classe operária, as transformações urbanas decorrentes do crescimento econômico e populacional, a chegada da indústria automobilística no país, os usos do espaço urbano e os impactos das revoltas e guerras locais, nacionais e mundiais.

Em 1984, o livro foi adaptado para a minissérie brasileira homônima, escrita por Walter Durst, dirigida por Walter Avancini e produzida pela TV Globo. Cada um dos nove capítulos foi composto por trechos de documentários e fragmentos da memória da escritora.

## 7.2 CITTÀ DI ROMA (2000)

**Imagem 03** — Livro “Città di Roma”, 2000.



Fonte: Editora Record.

Aos 84 anos, Zélia retorna ao final do século XIX, período em que sua família de anarquistas de Florença, por parte do pai (Gattai), e de católicos do Vêneto, por parte da mãe (Da Col), embarcaram no navio Città di Roma para o Brasil, incentivadas por ideais de trabalho abundante e moradia justa. Os Da Col foram enviados para uma fazenda de café no município de Cândido Mota, em São Paulo, enquanto que os Gattai se juntaram aos colegas idealistas anarquistas para construir a Colônia Cecília no município de Palmeira, no Paraná.

Ambas as famílias tiveram experiências difíceis, fato que influenciou na decisão de migrarem para a capital paulista em busca de se reerguerem e reconstruírem suas vidas. No começo do século XX, Angelina Da Col e Ernesto Gattai se conhecem, se casam e constroem sua família. Zélia Gattai, a caçula dos cinco filhos, traz, nessa biografia, histórias da travessia de seus familiares e de sua própria infância em uma cidade que não só se apresenta como plano de fundo, mas mostra-se constantemente presente em sua narrativa.

## 8 MAPA AFETIVO

**Imagem 04** — Mapa Afetivo de “Anarquistas Graças à Deus” e “Città di Roma”, de Zélia Gattai, 2023.



Fonte: Google Maps.

O Mapa Afetivo de “Anarquistas Graças à Deus” e “Città di Roma”, de Zélia Gattai foi construído na plataforma digital *Google My Maps*. Foram criadas três camadas, que englobam um conjunto de pontos e/ou linhas georreferenciadas dos lugares descritos por Zélia Gattai em seus livros. Em cada ponto/linha, foram adicionadas imagens do passado e do presente, informações históricas e geográficas e trechos dos capítulos que abordam tais lugares. O acesso é on-line e gratuito, feito no site/aplicativo *Google Maps* e *Google Earth*. É possível ainda baixar o arquivo e abri-lo no aplicativo *Google Earth Pro*.

A primeira camada, “Itália – Brasil”, se refere aos lugares de origem e destino percorridos pelas famílias italianas Gattai e Da Col no final do século XIX, anterior ao encontro do pai e da mãe de Zélia. As histórias são narradas pela autora e pelos próprios familiares, a partir de sua transcrição. Esse registro é bastante valorizado como documento histórico, pois a autora narra, de forma íntima, a travessia Gênova-Santos e experiências das famílias na fazenda de café, em Cândido Mota (SP), e no primeiro experimento anarquista do Brasil, na Colônia Cecília (PR).

A segunda camada, “São Paulo (SP)”, corresponde aos lugares conhecidos e visitados pela autora e sua família entre 1910 e 1930. São apresentadas recordações de sua infância em edificações, equipamentos urbanos, ruas, parques e bairros. Essa memória urbana registrada preserva lugares que, em sua maioria, passaram por transformações, abandono ou mesmo demolição em determinado período da história. As intervenções na cidade, como a mudança de centralidade urbana, impactaram no uso e estado de conservação das edificações.

A terceira camada, “Outros Lugares no Estado de São Paulo”, é constituída pelos lugares visitados por Zélia nas viagens com sua família para fora da capital paulista, entre 1910 e 1930. Acompanhamos o crescimento econômico e a mudança na paisagem natural de municípios da Grande São Paulo e da Baixada Santista. A Estrada Velha de Santos, por exemplo, foi sede de corridas automobilísticas. Eventos como esse impulsionaram o setor industrial e comercial de automóveis e incentivaram a melhoria das condições infraestruturais de rodovias que atravessavam diversos municípios. Zélia descreve ainda a paisagem natural do litoral, que estava começando a ser impactada pelas instalações das grandes edificações a serviço do turismo.

## 8.1 FLORENÇA, TOSCANA

No final do século XIX, Florença, capital administrativa da região da Toscana, situada no centro da Itália, era um importante centro cultural, artístico e intelectual, decorrente em grande parte da herança renascentista. Em meio ao processo de industrialização, seus habitantes, no entanto, se depararam com um cenário de pobreza, superpopulação e desempregos, fatores que influenciaram na organização de um movimento operário e sindical em defesa da construção de um novo mundo, com melhores condições de trabalho e distribuição de riquezas. Esse movimento foi abraçado no Brasil por D. Pedro II, que concordou em destinar terras do Sul para a construção da primeira colônia anarquista no Brasil, a Colônia Cecília.

**Imagem 05** — Florença, Toscana, Itália, 1890



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 06** — Florença, Toscana, Itália, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “A colônia Cecília”:

A viagem da família Gattai começara, em realidade, dois anos antes de embarcarem no Città di Roma, em Genova. Meu avô [Francesco Gattai] tivera a oportunidade de ler um livreto intitulado: *Il Comune in Riva al Mare* [A Comuna à Beira-mar], escrito por um certo dr. Giovanni Rossi - que assinava com o pseudônimo de Cárdias -, misto de cientista, botânico e músico. No folheto que tanto fascinara meu avô, Cárdias idealizava a fundação de uma ‘colônia socialista experimental’, num país da América Latina - não especificava qual -, uma sociedade sem leis, sem religião, sem propriedade privada, onde a família fosse constituída de forma mais humana, assegurando às mulheres os mesmos direitos civis e políticos que aos homens. (GATTAI, 1979, p. 178, grifos da autora).

- Capítulo “Dr. Giovanni Rossi ou Cárdias”:

Estabeleceu-se, então, uma correspondência entre o jovem idealista e o imperador. Depois de várias démarches [correspondências], Cárdias recebeu de d. Pedro II a posse de trezentos alqueires de terras [14,52 km<sup>2</sup>], incultas e desertas, num local entre Palmeira e Santa Bárbara, no Paraná, e, ainda, a promessa de ajuda e apoio para o empreendimento.

Tudo acertado, a doação das terras já feita, Cárdias botou mãos à obra dando início ao recrutamento dos voluntários, através dos jornais e em reuniões públicas. Frisava bem que aquela era uma aventura somente para idealistas endurecidos na luta, dispostos a realizar uma grande experiência social, sem medir sacrifícios. (GATTAI, 1979, p. 180-181, grifos da autora, tradução própria).

## 8.2 PERAROLO DI CADORE, VÊNETO

Perarolo di Cadore é uma comuna da província de Belluno, localizada na região do Vêneto, no norte da Itália. Conhecida por suas paisagens montanhosas, no fim do século XIX a comuna de 1.800 habitantes tinha como principal atividade econômica a exportação de madeira por meio do pequeno porto fluvial, situado abaixo da junção dos rios Piave e Boite. Assim como em outras regiões italianas, o processo migratório dos vênetsos foi motivado pela propaganda brasileira de trabalho agrícola no sudeste

e sul do país, feita no período da abolição da escravatura para obtenção de mão-de-obra barata, povoamento e enbranquecimento da população.

**Imagem 07** — Perarolo di Cadore, Vêneto, Itália, fim do século XIX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 08** — Perarolo di Cadore, Vêneto, Itália, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “A grande decisão”:

*A gente vivia uma vida tranquila, lá no Cadore. O nonno era serrador, vivia de cortar madeira. Trabalho muito pesado, mas ele ia aguentando. Saía muito cedo de casa e só voltava ao cair da tarde, depois de cortar não sei quantos troncos de árvores, que eram levados em balsas pelo Piave. A madeira de Perarolo do Cadore era de ótima qualidade, usada na Itália inteira. Os habitantes do lugar viviam de cortar árvores e preparar a madeira para ser exportada.*

*A família Da Col ia aumentando. Começavam a surgir dificuldades financeiras. (...)*

*Foi nessa ocasião que começaram a correr vozes de que representantes de fazendeiros de café, do Brasil, haviam chegado, prometendo mundos e fundos, contratando famílias inteiras para trabalhar nas fazendas. A América, diziam, é o paraíso! O Brasil, a terra da cuccagna! A terra da fartura, da riqueza!*

*As promessas eram tantas que todo mundo se entusiasmou. Teriam passagens e receberiam dinheiro suficiente para chegar à tal fazenda, em Cândido Mota, no interior de São Paulo. (...)*

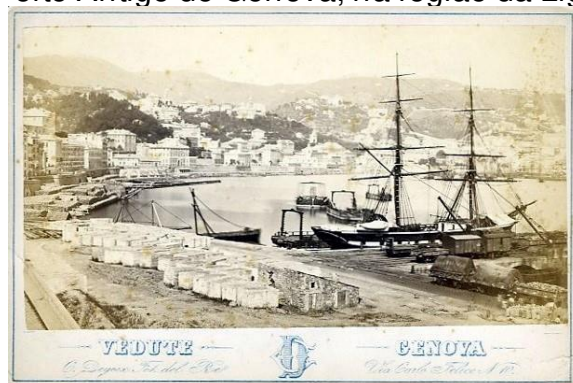
*A grande decisão foi tomada: nonno Eugênio e nonna Pina, assim como muitas famílias, foram na onda, assinaram contratos.*

*Aquela gente toda acreditou nas promessas que lhes faziam, sem nem de longe desconfiar que estavam sendo levados para um país onde a escravidão vinha de ser abolida e que eles, italianos de braços fortes, trabalhadores de primeira, iriam substituir a mão escrava. (DA COL apud GATTAL, 2000, p. 23-24, grifos da autora).*

### 8.3 PORTO DE GÊNOVA, LIGÚRIA

A cidade portuária de Gênova situa-se na região da Ligúria, no noroeste da Itália. Localizado estrategicamente no Mar Mediterrâneo, o Porto de Gênova desempenhava no final do século XIX um papel fundamental na economia local, facilitando o comércio de mercadorias com outros países, assim como no deslocamento de emigrantes que partiam de regiões diversas rumo a países como Brasil, Argentina e Uruguai. A oferta de terras e trabalho foram os principais incentivos externos, visto que o crescimento econômico no país, advindo do processo de industrialização e urbanização, não foi rápido o suficiente para absorver toda a mão de obra disponível, resultando em um excedente significativo de trabalhadores.

**Imagem 09** — Porto Antigo de Gênova, na região da Ligúria, Itália, 1880



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 10** — Porto Antigo de Gênova, na região da Ligúria, Itália, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Os segredos da família”:

O passaporte de imigração da família Gattai, aberto sobre a cama, era agora lido em voz alta: a família, composta de marido, mulher e cinco filhos, estava autorizada a viajar no navio *Città di Roma*, que partiria de Gênova com destino a Santos Brasil -, no dia 20 de fevereiro de 1890. (GATTAI, 1979, p. 153, grifos da autora).

- Capítulo “Dr. Giovanni Rossi ou Córdias”:

Entre os cento e cinquenta - talvez um pouco mais - pioneiros que integravam o grupo, havia gente de várias profissões e classes sociais: médicos, engenheiros, artistas, professores, camponeses e operários - em meio a esses últimos, meu avô [Francesco Gattai]. Mas havia também outros que conseguiram se infiltrar, alguns criminosos condenados por diversos delitos. (GATTAI, 1979, p. 181).

- Capítulo “Começo de viagem”:

O grupo de idealistas embarcou no navio *Città di Roma* em fevereiro de 1890; o regime imperial no Brasil havia sido derrubado a 15 de novembro de 1889. D. Pedro II fora deposto e desterrado, a República proclamada. Os fundadores da colônia socialista experimental não podiam mais contar com a ajuda e o apoio prometido pelo imperador. Contariam apenas com seus próprios esforços, com a vontade de vencer, mas nada os faria recuar. (GATTAI, 1979, p. 182, grifos da autora).

- Capítulo “Parecida mas diferente”:

“Vovô [paterno, Eugênio Da Col] viera da Itália com toda a família, contratado como colono para colher café numa fazenda em Cândido Mota, em São Paulo. Embarcaram em Genova com destino a Santos, por volta de 1894 (...).” (GATTAI, 1979, p. 189, grifos da autora).

## 8.4 GÊNOVA – SANTOS

Entre 1876 e 1915, cerca de 24% dos italianos que saíram da Europa destinaram-se à América do Sul. No Porto de Gênova, embarcavam nos porões dos navios a vapor, com pouca ventilação, sob condições de fome e miséria em viagens que duravam até 40 dias; geralmente tinham ciência do local para onde iriam quando desembarcavam. No Brasil, o Porto de Santos recebeu inúmeras famílias italianas, cujos vínculos eram mais fortes às aldeias e regiões onde nasceram, cada qual com línguas e costumes próprios, do que com a nova nação italiana, surgida em 1860, sob o regime monárquico do Reino da Itália. A identificação homogeneizada italiana foi, portanto, construída no processo migratório, desde a travessia à instalação no país.

**Imagem 11** — Embarque em Gênova, fim do século XIX.



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 12** — Desembarque em Santos, 1890.



Chegada de navio com imigrantes em Santos.  
Fotografia de Guilherme Gaensly, c. 1890.

Fonte: Guilherme Gaensly.

- Capítulo “A viagem”:

*A travessia de Gênova para o porto de Santos foi longa e penosa, contava tio Guerrando. Não posso esquecer. Amontoados e tristes como gado a caminho do matadouro, os imigrantes enjoavam nos porões escuros e quentes, ao*

*lado das caldeiras do navio, um verdadeiro inferno. A gente ia agüentando sem reclamar. Todo mundo tinha um medo terrível de ficar doente e acabar morrendo em alto-mar.*

*Vocês sabiam, não é?, explicava titio, nos navios daquela época não havia frigoríficos para conservar os cadáveres, e os corpos de quem morresse durante a travessia eram jogados ao mar. (...)*

*Felizmente estávamos chegando ao porto de Santos, ainda um dia de viagem, e minha imãzinha não iria acabar na boca dos peixes, nem ela nem a mamma. (GATTAI apud GATTAI, 2000, p. 13-15, grifos da autora).*

- Capítulo “Começo de viagem”:

“Tio Guerrando jamais se esquecera dos tormentos da terrível viagem; quando era ele a narrar a odisseia dos pais, o fazia com tanto sentimento que, sem me dar conta, comparei aquele porão quente e escuro ao Inferno de Dante.” (GATTAI, 1979, p. 183)

- Capítulo “A viagem dos Da Col”:

“A viagem dos Da Col não foi diferente da dos Gattai. Carolina adoeceu e nonna Pina rezou, sem parar, pedindo a Deus pela vida da filha, que Deus não a levasse.” (GATTAI, 2000, p. 25).

## 8.5 PORTO DE SANTOS, SANTOS

Considerado o maior porto da América Latina, o Porto de Santos foi fundado no século XVI e teve seu cais expandido em 1892, caracterizando-se como o primeiro Porto Organizado do Brasil. Os imigrantes italianos que chegavam ao Porto de Santos nesse período eram recebidos por agentes de imigração e passavam por um processo de registro, controle e desinfecção das vestimentas, devido às condições de insalubridade dentro dos navios. Parte deles era encaminhada às fazendas de café no interior de São Paulo, parte era direcionada a outras regiões, geralmente sudeste e sul do país, e ainda haviam os que se instalavam na própria cidade portuária, trabalhando no comércio local e em atividades urbanas.

**Imagem 13** — Porto de Santos, Santos, 1892



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 14** — Porto de Santos, Santos, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Serviço de imigração em saúde”:

No porto de Santos formou-se a maior confusão na hora do desembarque. Homens para um lado, mulheres para o outro. Em salas separadas os imigrantes foram despídos, as roupas do corpo e as que traziam nas trouxas levadas para a rotineira desinfecção. Ali permaneceram durante horas a fio, nus, à espera de que lhes devolvessem os pertences, que os liberassem. (GATTAI, 1979, p. 183-184).

- Capítulo “A bandeira”:

*No porto de Santos, encontrava-se a família Gattai, sem saber qual rumo tomar, uma criança agonizante nos braços da mãe. A bandeira brasileira enrolada, dentro de uma sacola, fora a única peça a não ser desinfetada; o resto, arruinado para sempre.*

Pergunto hoje: que bandeira seria aquela, três meses após a queda da monarquia? Possivelmente seria ainda a do império. (GATTAI *apud* GATTAI, 2000, p. 18, grifos da autora).

- Capítulo “O grupo parte”:

“Um navio estava à espera dos imigrantes para levá-los a um porto do Paraná. Todo mundo partiu, menos nossa família. Hiena ainda resistiu dois dias em terra firme. Foi enterrada em Santos.” (GATTAI *apud* GATTAI, 2000, p. 18, grifos da autora).

- Capítulo “Parecida mas diferente”:

“Em Santos, [os Da Col] eram aguardados por gente da fazenda, para qual foram transportados, comprimidos como gado num vagão de carga.” (GATTAI, 1979, p. 189).

## 8.6 SANTOS – PARANAGUÁ

O primeiro grupo de italianos que objetivava construir a colônia experimental anarquista chegou no Brasil em 1890. De início, desembarcaram no Rio de Janeiro; em seguida, navegaram com destino a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. No entanto, devido aos enjoos que dificultavam a travessia completa, desembarcaram no Porto de Paranaguá, no Paraná, fundamentalmente utilizado para exportação de produtos agrícolas. Dali tomaram um trem até Curitiba, onde compraram um loteamento em Palmeira e fundaram a Colônia Cecília. A família Gattai se juntou posteriormente ao grupo após fazer a travessia Gênova-Santos, depois Santos-Paranaguá e por fim, via transporte terrestre, à Palmeira.

**Imagem 15** — Porto de Paranaguá, Paraná, início do século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

### Imagem 16 — Porto de Paranaguá, Paraná, Século XXI



Fonte: Rafael Chui.

- Capítulo “Serviço de imigração e saúde”

Os pioneiros partiram rumo às terras que os esperavam, a família Gattai permaneceu na cidade. Companheiros compadecidos ofereceram-se para levar as quatro crianças; facilitaria a vida dos pais, às voltas com a menina doente.

- Ficaremos juntos. Não suportaríamos a ausência de nossos filhos, morreríamos de preocupação... - explicou nono Gattai, agradecendo o oferecimento.

E lá ficaram eles, naquele porto estranho, buscando por todos os meios salvar a vida da filha. (GATTAI, 1979, p. 184)

- Capítulo “Bandeira providencial”

*“Depois de muito sofrimento e de muitas confusões, prosseguiu titio [Guerrando Gattai], conseguimos embarcar, semanas mais tarde, num pequeno navio que nos levou até o porto de Paranaguá.”* (GATTAI apud GATTAI, 2000, p. 19, grifos da autora).

## 8.7 COLÔNIA CECÍLIA, PALMEIRA

A Colônia Cecília, situada no município de Palmeira, no Paraná, é considerada a primeira experiência anarquista no Brasil. Foi fundada por imigrantes italianos em 1890 e abrigou cerca de 250 pessoas. Embora o imperador tivesse prometido a doação de terras, estas não foram reconhecidas pela República Brasileira, instaurada pouco antes do desembarque dos imigrantes. Em prol dos ideais anarquistas, a Colônia não estabeleceu nenhum regulamento ou delegação de poder entre os habitantes. Se por um lado a autogestão era defendida, por outro a produção agrícola e as condições de habitação e saneamento eram precárias, sendo frequentes

doenças ligadas à desnutrição. Fatores como esses geraram dispersão, o que culminou no fim da colônia em 1894.

**Imagem 17** — Colônia Cecília, Palmeira, Paraná, década de 1890



Fonte: Arnaldo Monteiro Bach.

**Imagem 18** — Memorial Colônia Cecília, Palmeira, Paraná, século XXI



Fonte: João Borges Júnior.

- Capítulo “Bandeira providencial”:

*De lá [do porto de Paranaguá], nos levaram rumo ao acampamento, em Palmeira, onde já se encontravam nossos companheiros. Viajamos, amontoados, numa carroça de rodas enormes, puxada a bois. Viagem longa por péssimos caminhos, parecia não ter fim. (GATTAI apud GATTAI, 2000, p. 19, grifos da autora).*

- Capítulo “Bandeira vermelha e preta”:

Ao alto de uma colina, por entre os pinheirais, divisava-se, hasteada ao alto de uma palmeira, enorme bandeira vermelha e preta. Era a bandeira da Colônia Cecília saudando a chegada dos novos pioneiros. (...)

Os Gattai foram alojados provisoriamente no barracão construído pela primeira leva. À chegada todos trabalharam para levantar o galpão onde se abrigarem. Nos dias que se seguiram cada família tratou de construir a sua própria morada. O barracão ficara para depósito e emergências como aquela. (GATTAI, 1979, p. 185-186).

- Capítulo “Fim da colônia Cecília”:

Titio Guerrando (...) [contou que] tudo culminou com a intimação das autoridades republicanas que, não estando de acordo com a doação feita pelo imperador deposto, exigiam dos colonos que, ou comprassem as terras que ocupavam e pagassem os impostos atrasados ou as abandonassem. Havia ainda a versão anticlerical (...) que, bem próximo à colônia, fora construída uma igreja católica com o objetivo exclusivo de hostilizar e boicotar os anarquistas, e que, já na época da colheita, o padre vizinho soltou suas vacas, que rapidamente destruíram todas as plantações, liquidando assim a última esperança dos remanescentes da Colônia Cecília. (...)

Os Gattai lá permaneceram dois anos, mais ou menos. O último a abandonar o barco, tempos depois, foi o comandante Córdias, ao ver-se impossibilitado de prosseguir sozinho na sua experiência. (GATTAI, 1979, p. 187).

## 8.8 CÂNDIDO MOTA

O município de Cândido Mota localiza-se na região de Marília, em São Paulo. No fim do século XIX, o governo do estado designou o coronel Valêncio Carneiro de Castro para colonizar e ocupar as terras, até então pertencentes a Companhia Colonizadora Paulista. Em um contexto de abolição da escravatura e promoção de trabalho para imigrantes europeus que viviam em crise em seus países de origem, o município recebeu italianos para trabalharem nas lavouras de café, uma das principais commodities agrícolas do país. Ao contrário do que os imigrantes esperavam, no entanto, as condições de trabalho eram exploratórias, com jornadas excessivas, violência física e normalização do trabalho infantil.

**Imagem 19** — Cândido Mota, São Paulo, primeira metade do século XX



Fonte: A autoria desconhecida.

**Imagem 20** — Cândido Mota, São Paulo, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Parecida mas diferente”:

Ao chegar à fazenda, Eugênio Da Col deu-se conta, em seguida, de que não existia ali aquela *cuccagna*, aquela fartura tão propalada. Tudo que ele idealizara não passava de fantasia; as informações recebidas não correspondiam à realidade: o que havia, isto sim, era trabalho árduo e estafante, começando antes do nascer do sol, homens e crianças cumpriam o mesmo horário de serviço. Colhiam café debaixo de sol ardente, os três filhos mais velhos os acompanhando, sob a vigilância de um capataz odioso. Vivendo em condições precárias, ganhavam o suficiente para não morrer de fome.

A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu ranço perdurava. (GATTAI, 1979, p. 189-190, grifos da autora).

- Capítulo “Carcamanos”:

"Nossa família, recordava tia Margarida, ficou pouco tempo na fazenda para a qual fora contratada." (DA COL apud GATTAI, 2000, 31)

- Capítulo “Porca miséria”

[Margarida da Col conta que o capataz da fazenda] empunhando o chicote que trazia sempre à mão, levantou-o com fúria e lapt!, acertou em cheio no escravo. (...)

[Eugênio Da Col] saltou sobre o capataz, tirou o chicote da mão dele e: 'Toma, toma, maledetto!' Enquanto meu pai batia no covarde, que, apavorado, cobria o rosto com o braço, alguém soltou o negro, que, em seguida, desapareceu. (DA COL apud GATTAI, 2000, p. 33-34)

- Capítulo “Parecida mas diferente”

Nessa mesma tarde, a família Da Col foi posta na estrada, porteira trancada para "esses rebeldes imundos". Estavam despedidos. Nem pagaram o que lhes deviam. 'Precisavam ressarcir-se do custo do transporte de Santos até a fazenda...' E fim. (...)

Tinham endereços de conterrâneos na capital de São Paulo, onde chegaram depois de arrastar-se numa longa e triste caminhada, passando fome, subsistindo devido à ajuda de corações generosos. (GATTAI, 1979, p. 191)

## 8.9 BAIRRO DO BRÁS

O bairro do Brás está localizado no município de São Paulo e é mais conhecido pela sua movimentação comercial e financeira. Brás teve um lento desenvolvimento até a chegada dos imigrantes italianos no começo do século XX, advindos de outros municípios, onde trabalhavam sob um regime escravocrata nas lavouras de café. Pequenas fábricas começaram a ser instaladas pelas comunidades italianas que se formavam. Entre julho e outubro de 1924, o Brás, assim como outros bairros, foi palco de bombardeios da Revolução Paulista ou Tenentismo, movimento liderado por jovens oficiais militares contra o governo central e a Política do Café-com-Leite, que representava a alternância de poder entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais.

**Imagem 21** — Bairro do Brás, São Paulo, década de 1920



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 22** — Bairro do Brás, São Paulo, 2010



Fonte: Lucas Chiconi.

- Capítulo “Parecida mas diferente”:

“- Carolina morreu logo que chegamos à capital. Deus nos ajudou porque nona Pina jamais se conformaria em enterrar seu anjinho de olhos azuis à beira de uma estrada deserta - concluiu nono Gênio; chorava ao recordar-se.” (GATTAI, 1979, p. 191-192).

- Capítulo “Praticamente santas”:

(...) a família [Da Col] fora viver na capital, no Brás, bairro operário, onde levantavam-se chaminés das principais fábricas de São Paulo.

A casa da Rua 21 de Abril, em que tia Margarida morava, era propriedade de nonno Eugênio, comprada com grande sacrifício. (...)

Ao chegar à capital, serviço não faltou ao competente serrador de Perarolo - no Brasil transformado em carpinteiro (...). Até as crianças, seus filhos, à medida que cresciam, iam sendo aproveitadas, ganhando seu próprio sustento. Mamãe foi trabalhar numa fábrica de meias, aos sete anos.

Ela sempre contava que tinha como obrigação manejar uma manivela, *pra frente e pra trás, chegava em casa, no fim da tarde, o braço dolorido, em petição de miséria*. O que ganhava dava para comprar o pão da família. (GATTAI, 2000, p. 37, grifos da autora).

- Capítulo “Julho de 1924”:

A última notícia, que corria de boca em boca, era de que no Brás tinham levantado barricadas nas ruas, bombas explodiam, havendo tiroteios com mortos e feridos. As fábricas haviam fechado, o povo assaltava postos de abastecimento. (GATTAI, 1979, p. 227).

- Capítulo “O herói da família”:

Tia Margarida e tio Gino (...) estavam na maior agonia. Havia uma trincheira quase em frente à casa deles. As fábricas fechadas, ninguém recebia o salário, nenhum armazém vendia mais pelo sistema de cadernetas, agora era só na ficha e assim mesmo já estava difícil encontrar-se o que comprar. Se a revolução se prolongasse por mais algum tempo, em breve estariam passando fome. (GATTAI, 1979, p. 228).

## 8.10 RUA CAETANO PINTO, BRÁS

A rua Caetano Pinto situa-se no bairro do Brás, zona leste da capital paulista. Ocupado no fim do século XIX por chácaras e fazendas, o local elitizado tornou-se, com a chegada dos imigrantes italianos e espanhóis no começo do século XX, um importante pólo industrial e comercial. A rua, que homenageia um antigo deputado provincial de São Paulo, recebeu destaque pela presença de oficinas, galpões, armazéns, depósitos e fábricas, assim como sobrados e cortiços, que abrigavam um

grande número de italianos da Calábria e de Nápoles. Eram frequentes as mobilizações operárias, decorrentes das associações e grupos políticos anarquistas. Atualmente a rua preserva seu perfil comercial e de luta sindical.

**Imagem 23** — Rua Caetano Pinto, século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 24** — Rua Caetano Pinto, Brás, São Paulo, 2023



Fonte: Google Maps.

- Capítulo “Rua Caetano Pinto e Bexiga”:

Devido a seus cortiços famosos, a rua Caetano Pinto, no Brás, afastava de suas calçadas moradores de outras ruas. Mal-afamada pelas brigas e bafafás diários, tornara-se tabu, habitada sobretudo por italianos do sul da Itália - calabreses principalmente - vindos à procura de fortuna no Brasil. (...) Passei a admirar seus moradores desde que soube terem eles destruído uma carrocinha de cachorro, pondo os laçadores a correr debaixo de tabefes e pontapés. Nunca mais voltaram. Polícia não circulava na Caetano Pinto, os habitantes faziam suas próprias leis. Não havia soldado que por ali se aventurasse.

População extremamente religiosa, profundamente patriota, de sangue quente. Comprava barulho por um dá cá aquela palha mas, ao mesmo tempo, era terna e alegre.

As mulheres tinham fama de valentes, discutiam de janela a janela, batiam nos filhos, à moda italiana: violentos tapas na cara.

Havia curiosa emulação entre as vizinhas da Caetano Pinto: quem conseguiria fazer luzir mais suas panelas? (...) Em torno dos caixilhos das janelas, permaneciam penduradas, em exposição, brilhando, ofuscando a vista dos passantes, panelas e frigideiras, caldeirões e caçarolas, de todos os tamanhos e formatos, motivo de elogios e glória para suas proprietárias, enchendo-as de orgulho e vaidade. (...)

Aos domingos, não havia tráfego de automóveis pela rua. Os homens não trabalhavam, a maioria ocupava a pista de paralelepípedos, jogando bocha e malha. Outros preferiam a *morra*. A *morra* era um jogo que eu conhecia de perto, pois nossos vizinhos calabreses e napolitanos também gostavam dele. (GATTAI, 1979, p. 101-102, grifos da autora).

## 8.11 1ª CASA DOS GATTAI, ALAMEDA SANTOS

A alameda Santos é uma avenida que atravessa os bairros Jardim Paulista, Cerqueira César, Bela Vista e Paraíso. Entre as décadas de 1910 e 1930, a família Gattai morou em um casarão entre os bairros César Cerqueira e Consolação, ponto estratégico para a oficina de Ernesto Gattai, pai de Zélia, construída nos fundos da habitação. A acessibilidade permitiu visibilidade ao negócio, que se tornava um dos precursores no conserto e venda de automóveis importados da Itália. Em 1924, no entanto, a prosperidade foi barrada devido a ocupação do movimento tenentista na rua. O estado de guerra foi alarmado entre os habitantes, que abrigavam refugiados impossibilitados de sobreviver em seus bairros devido ao perigo e escassez de alimentos.

**Imagem 25** — 1ª casa da família Gattai, alameda Santos, início do século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 26** — Local da 1ª casa da família Gattai, na Alameda Santos, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo "Alameda Santos nº 8":

Num casarão antigo, situado na alameda Santos número 8, nasci, cresci e passei parte de minha adolescência. (...)

Ernesto Gattai, meu pai, alugara a casa por volta de 1910, casa espaçosa, porém desprovida de conforto. Teve muita sorte de encontrá-la, era exatamente o que procurava: residência ampla para a família em crescimento e, o mais importante, o fundamental, o que sobretudo lhe convinha era o enorme barracão ao lado, uma velha cocheira, ligada à casa, com entrada para duas ruas: alameda Santos e rua da Consolação. Ali instalaria sua primeira oficina mecânica. Impossível melhor localização! (GATTAI, 1979, p. 13).

- Capítulo "Rocco Andreta nos visitar fora de hora":

Cansada de tanto trabalhar, aquele casarão enorme exigia esforços para mantê-lo limpo [...].

Quando porém me encontrei diante da realidade: nossa velha casa demolida, as árvores arrancadas, o cavalinho de alvenaria, de quem tanto me orgulhara, descido de seu pedestal na cumeeira, um edifício de apartamentos surgindo daquelas ruínas, senti um aperto na garganta, comecei a chorar. Naquele casarão nascera e crescera, nele vivera, sonhara meus sonhos de criança e de adolescente. (GATTAI, 1979, p. 317).

## 8.12 ALAMEDA SANTOS

A Alameda Santos foi construída no fim do século XIX, período em que a Avenida Paulista e outras paralelas e transversais estavam sendo abertas na área central de São Paulo. Devido a sua localização, a alameda abrigou diversas atividades que comprometiam o status quo da principal, como enterros, comércio e serviços populares, sendo comum a exploração de animais para o deslocamento de pessoas e mercadorias e, conseqüentemente, a presença de dejetos, utilizados pelos moradores como adubo. Seu crescimento econômico tornou-se mais acentuado na

segunda metade do século XX e atualmente abriga escritórios, hotéis, restaurantes, serviços e estabelecimentos de luxo. Seu nome homenageia a cidade de Santos.

**Imagem 27** — Alameda Santos, César Cerqueira, 1960



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 28** — Alameda Santos, César Cerqueira, São Paulo, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo "Alameda Santos nº 8":

Para quem vem do centro da cidade, a alameda Santos é a primeira rua paralela à avenida Paulista, onde residiam, na época, os ricos, os graúdos, na maioria novos-ricos. (GATTAL, 1979, p. 13-14).

- Capítulo "Minha Alameda Santos":

A alameda Santos, vizinha pobre da Paulista, herdava tudo aquilo que pudesse comprometer o conforto e o status dos habitantes da outra, da vizinha famosa. Os enterros, salvo raras exceções, (...) eram desviados para a alameda Santos, nela desfilavam todos os cortejos fúnebres que se dirigiam ao Cemitério do Araçá, não muito distante dali. Rodas de carroças e patas de burros jamais tocaram no bem cuidado calçamento da Paulista. (...) Nem as carrocinhas da entrega do pão, nem os burros da entrega do leite, com seus enormes latões pendurados em cangalhas, um de cada lado, passando pela manhã muito cedo, tinham permissão de transitar pela avenida.

Nossa rua era, pois, uma das mais movimentadas e estrumadas do bairro, com seu permanente desfile de animais. Em dias de enterros importantes, o adubo aumentava. (GATTAL, 1979, p. 53).

- Capítulo “Retomada”

Ao voltar do Guarujá, encontrei minha alameda Santos diferente; ela já não era a mesma. Tornara-se sombria e estreita aos meus olhos, agora habituados a contemplar a imensa praia de areias alvas e o mar infinito.

Inacreditáveis, as modificações ocorridas em nossa ausência, nesse curto espaço de tempo! As novidades eram muitas.

Uma grande placa na fachada da farmácia de seu Adamastor chamou-me a atenção: farmácia ítalo-paulistana. (...)

A Casa da Velha, nos fundos da garagem, fora demolida; pedreiros já trabalhavam na construção de outra casa. (GATTAL, 1979, p. 262)

## 8.13 AVENIDA PAULISTA

Inaugurada em 1891, a Avenida Paulista foi a primeira rua asfaltada e arborizada de São Paulo. Na década de 1920, a avenida começava a se consolidar como uma das principais vias da cidade, abrindo eventos como as corridas de charrete, de cabriolés, os desfiles dos primeiros automóveis e as festas carnavalescas. Era caracterizada pelo uso predominantemente residencial, com mansões e casarões de estilo europeu pertencentes a famílias ricas e aristocráticas, mas também abrigava alguns comércios e serviços de luxo. Gradualmente, começou a se tornar um centro financeiro e comercial, com grandes edificações ocupadas por escritórios e estabelecimentos nacionais e internacionais.

**Imagem 29** — Avenida Paulista, Jardim Paulista, São Paulo, 1923



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 30** — Avenida Paulista, Jardim Paulista, São Paulo, 2022



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo "Alameda Santos nº 8":

Da praça Olavo Bilac até o largo do Paraíso, era aquele desparrame de ostentação! Palacetes rodeados de parques e jardins, construídos, em geral, de acordo com a nacionalidade do proprietário: os de estilo mourisco, em sua maioria, pertenciam a árabes, claro! Os de varandas de altas colunas, que imitavam os *palazzos* romanos antigos, denunciavam - logicamente - moradores italianos. Não era, pois, difícil, pela fachada da casa, identificar a nacionalidade do dono. (GATTAI, 1979, p. 13-14, grifos da autora).

- Capítulo "Enterros de primeira classe":

"Alguns enterros de figuras de grande destaque social ou econômico rompiam o tabu, desfilando pela avenida Paulista, a caminho do cemitério dos ricos, o Cemitério da Consolação." (GATTAI, 1979, p. 58).

- Capítulo "Enterros de anjinhos":

São Paulo, regurgitava de festas: celebrava-se o centenário da Independência do Brasil e a chegada dos intrépidos lusitanos. O grande desfile comemorativo foi realizado na avenida Paulista. A preparação da espetacular parada começou dias antes. Papai colaborou para a festa cedendo sua garagem que durante alguns dias foi transformada em depósito de material. (...)

Nossa casa ficou repleta de parentes e amigos que vieram de longe para apreciar os festejos. Movimento mais intenso ainda que no Carnaval ou nos dias de Finados. (GATTAI, 1979, p. 58-59).

- Capítulo "Anarquista *ma non troppo*":

Sofríamos o diabo nesses três dias [de Carnaval]. Morávamos a um quarteirão da avenida Paulista, o foco da animação onde se arrastava o curso de automóveis, superlotados de jovens, sentados sobre as capotas arriadas com as pernas balançando para fora, atirando serpentinas de um carro a outro, travando batalhas de confetes e lança-perfumes... As calçadas regurgitando de gente fantasiada, cantando e pulando, desabafando os recalques de um ano inteiro. Nesses três dias de Carnaval a avenida Paulista perdia seu ar austero, explodia em risos e alegria. (GATTAI, 1979, p. 216-217).

## 8.14 BAIRRO DA CONSOLAÇÃO

O bairro da Consolação, localizado no centro de São Paulo, foi formado em 1779 a partir de um povoado devoto à Nossa Senhora da Consolação, que atribuiu a homenagem a famosa Paróquia do bairro. Entre os séculos XIX e XX, a Consolação, até então rural, ocupada por chácaras e sítios, passou por um processo de expansão urbana, tornando-se um dos principais pontos de encontro da elite paulistana. O bairro foi alvo de diversas transformações, dentre elas a verticalização de mansões e a ampliação de estabelecimentos, consolidando-se como um bairro de classe alta. Atualmente, no entanto, vem atendendo a diversas camadas sociais por suas atividades culturais, sobretudo, noturnas.

**Imagem 31** — Bairro da Consolação, São Paulo, década de 1920



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 32** — Bairro da Consolação, São Paulo, 2020



Fonte: Pedro Ricci.

- Capítulo "O Circo":

A dois passos de nossa casa, numa bifurcação que separava a Consolação da Rebouças, entre a avenida Paulista e a alameda Santos, havia um enorme bebedouro redondo, de ferro trabalhado, onde os animais de carga saciavam sua sede. A esse bebedouro o pessoal do circo conduzia diariamente os animais de grande porte: elefantes, camelos, zebras e cavalos. Eu não perdia o espetáculo fascinante e gratuito. Adorava assistir aos elefantes enchendo as trombas de água para espirrar sobre a criançada. (GATTAL, 1979, p. 47).

- Capítulo "Bito":

"O calçamento da Consolação ia apenas até a alameda Jaú. Em dias de chuva, da alameda Jaú para baixo, a lama escorregadia impedia a descida de automóveis e ameaçava os pedestres de quedas espetaculares." (GATTAL, 1979, p. 92).

## 8.15 BAIRRO DO BIXIGA

O bairro do Bixiga, atual Bela Vista, situa-se na zona central de São Paulo. Surgiu a partir do Quilombo Saracura, formado por lavadeiras, lavradores e quitandeiras que utilizavam as águas do rio homônimo para trabalho e sobrevivência. Seu nome foi dado em homenagem a Antonio Bexiga, proprietário local famoso pelas suas cicatrizes de varíola, conhecidas como "bexiga". Na década de 1920, o bairro de ruas estreitas e casas simples era habitado majoritariamente por imigrantes italianos, que realizavam confraternizações tradicionais, com culinária, música e danças típicas. Atualmente, o Bixiga ainda preserva suas festas populares e religiosas, assim como permanecem frequentes as apresentações em teatros e casas de espetáculos.

**Imagem 33** — Bairro do Bixiga, Bela Vista, São Paulo, 1926



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 34** — Bairro do Bixiga, Bela Vista, São Paulo, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Rua Caetano Pinto e Bexiga”:

Devotos de Nossa Senhora da Achirópita e de Nossa Senhora da Ripalta, padroeiras do sul e norte da Calábria, [os habitantes da rua Caetano Pinto] frequentavam a igreja da Achirópita, que os próprios imigrantes, os *capomastri* - mestres pedreiros, arquitetos improvisados -, construíram no Bexiga, bairro habitado também por italianos do sul.

O Bexiga, amplo e populoso, era igualmente pitoresco. Seus habitantes, como os da Caetano Pinto, conservavam seus costumes e faziam suas leis. Moradores de outros bairros dificilmente frequentavam o Bexiga, considerado um reduto de gente atrasada, perigosa, de sangue esquentado. Provavelmente havia um certo exagero no julgamento.

Extremamente religiosos, respeitavam as datas de seus santos preferidos, festejando-os com procissões e foguetes, enfeitando as ruas com flores e bandeirolas coloridas, de papel de seda. São Genaro era o santo da devoção maior dos napolitanos, bastante numerosos no Bexiga. Reverenciavam também a imagem de São Vito mártir, na pequena igreja de Nossa Senhora de Casaluze - a Madonna Nera -, no Brás, igualmente construída pelos dedicados artesãos. Napolitanos e calabreses nossos vizinhos na alameda Santos frequentavam essas igrejas, acompanhavam as procissões que eram o ponto alto dos folguedos das moças que delas participavam em companhia dos pais. (GATTAL, 1979, p. 103-104, grifos da autora).

## 8.16 RUA DIREITA, SÉ

A Rua Direita, localizada no bairro da Sé, era conhecida na década de 1920 como o centro das atenções e dos negócios de São Paulo, devido a sua variedade de lojas, escritórios e estabelecimentos comerciais. Com um intenso fluxo de pessoas e veículos, ela era considerada um ponto de encontro e referência tanto para compras quanto para lazer e entretenimento. No entanto, com as intervenções urbanas na zona central de São Paulo, estabelecimentos foram fechados ou realocados para outros bairros. Atualmente, a Rua Direita mantém alguns prédios históricos, mas muitos foram substituídos por construções mais modernas e não possui a mesma movimentação e relevância comercial que possuía no passado.

**Imagem 35** — Rua Direita, Sé, São Paulo, 1920



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 36** — Rua Direita, Sé, São Paulo, 2008



Fonte: João Scarpi.

- Capítulo “Serenata” de Schubert”:

O itinerário escolhido por dona Angelina era sempre o mesmo: tomava o bonde na esquina da avenida Paulista com Consolação, saltava na praça do Patriarca. Por duzentos réis, podia-se ir de casa até à rua Quinze de Novembro, onde havia conexão para o Brás. Mamãe não aproveitava o percurso todo a que tinha direito, preferia saltar antes. Atravessava a rua Direita inteirinha, a pé, vendo vitrinas. Essa, creio, era a parte do passeio mais demorada, a de que mais gostava. Na rua Direita estavam instaladas as grandes lojas da cidade. Começava pelo Mappin Store, na praça do Patriarca, depois vinha a Casa Alemã, depois a Casa Lebre e depois de muitas outras lojas bonitas chegava a nossa preferida: a Loja Ceylão. (GATTAL, 1979, p. 132).

## 8.17 BAIRRO VILA MADALENA

O bairro da Vila Madalena, situado na zona oeste de São Paulo, nasceu da Vila dos Farrapos, com a ocupação de indígenas que se afastaram do centro da cidade após a construção do colégio jesuíta em 1554. Na década de 1920, a área predominantemente residencial era habitada por famílias de classe média. Seu desenvolvimento se deu com a abertura de ruas e avenidas, implementação de linhas

e estação de bonde e com a chegada de água encanada e energia elétrica. No entanto, o local ainda se mantinha pacato, com poucos estabelecimentos comerciais. Com o passar o tempo, um movimento artístico e boêmio surgiu com as galerias de arte a céu aberto e teatros, assim como os cafés, bares e baladas.

**Imagem 37** — Bairro Vila Madalena, São Paulo, século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 38** — Bairro Vila Madalena, São Paulo, século XXI



Fonte: Rubens Chaves.

- Capítulo “A noiva”:

Na partilha do inventário, depois da morte de nonno Eugênio, a casa da Rua 21 de Abril, no Brás, ficara para mamãe e tia Margarida que a venderam em seguida. Tia Margarida comprou uma casa no alto de Santana e mudou-se para lá, e mamãe comprou essa da Vila Madalena, onde minha irmã agora iria morar.

Bairro miserável, feio, rua de barro, esburacada. Cercada de terrenos baldios, a casa tinha apenas dois cômodos e cozinha. Acostumada na largueza e no movimento da nossa Alameda Santos, Wanda iria estranhar, coitada. (GATTAI, 2000, p. 129-130).

## 8.18 CIDADE DE SÃO PAULO

No início do século XX, a cidade de São Paulo, capital do estado, sediou diversas corridas nos autódromos improvisados em estradas e ruas. O "Raid São Paulo-Santos", corrida que atraiu pilotos e entusiastas de várias partes do Brasil, foi realizada entre as duas cidades, passando pela Estrada Velha de Santos, na época com diversos obstáculos ao longo do percurso. Corridas como essas contribuíram para a melhoria das estradas e o crescimento do setor automobilístico no país, impulsionando também a urbanização na capital paulista. A Sociedade Anônima dos Gattai, também chamada de Gattai Automobilismo, tornou-se uma das várias empresas que surgiram nesse período para atender à crescente demanda por veículos motorizados.

Na década de 1920, São Paulo passou por uma intensa industrialização, impulsionada pela produção de café, considerado o maior produto de exportação do país na época. O crescimento industrial atraiu investimentos e mão de obra de diversas regiões do Brasil, o que influenciou na expansão da infraestrutura urbana e surgimento de bairros operários, constituídos em grande parte por imigrantes italianos. A cidade, considerada pólo de fabricação e comércio, começou a ganhar características modernas, com a verticalização das habitações e construção avenidas, a exemplo da Avenida Paulista, que se tornou palco de movimentos sindicais, artísticos e literários. No entanto, a desigualdade social também era evidente, visível na concentração de riqueza em determinados bairros e infraestrutura precária, traduzida na falta de saneamento básico e habitação de qualidade, em outros.

**Imagem 39** — São Paulo, 1921



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 40** — São Paulo, século XXI



Fonte: Diogo Moreira.

- Capítulo “Documento de estimação”:

A Carta de Conductor de Automóvel de papai, expedida pela Inspetoria de Viação Municipal, da Prefeitura do Município de São Paulo, em 1907, foi registrada na folha N. 8 do livro N. 1. No seu verso consta um vasto regulamento de treze artigos. Possuo o original desse documento, quase desfeito pelos seus noventa e dois anos de vida, e, com a ajuda de uma lupa, divirto-me relendo-o e fazendo comparações com os regulamentos de trânsito nos dias de hoje.

“Nos lugares estreitos ou onde haja acumulação de pessoas, a velocidade será igual à de um homem a passo. Em caso algum poderá a velocidade ir além de 30 kilometros por hora em campo raso, de 20 kilometros nos pontos habitados e de 12 kilometros nas ruas centrais da cidade, velocidade que poderá ser reduzida sempre que isso se torne necessário, segundo o numero de vehiculos ou pessoas em transito.” (GATTAI, 2000, p. 28-29).

- Capítulo “A volta por cima”:

Era preciso fazer alguma coisa para movimentar o que andava parado. E se fossem promovidas corridas de automóvel? A idéia foi aprovada pelos amigos e sócios de papai, e ele não perdeu tempo: *Vamos ao trabalho*, disse. (...)

Desafio feito e aceito, dava-se início às corridas de automóveis na cidade de São Paulo. Piloto de grande qualidade, valente no volante, Lage, pilotando a Bugatti, era o adversário temido. (GATTAI, 2001, p. 86, grifos da autora).

- Capítulo "Os Automóveis Invadem a Cidade”:

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de vinte quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o Prédio Martinelli - arranha-céu pioneiro de São Paulo, se não me engano do Brasil - fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. (GATTAI, 1979, p. 29-30).

- Capítulo “Seu Gattai capricha na mecânica”:

“Chegavam mais e mais automóveis da França e da Inglaterra. Pelas ruas e avenidas de São Paulo circulavam na maciota, causando admiração, carros dos mais diferentes modelos.” (GATTAI, 2000, p. 27).

- Capítulo “Mudança de conselho”:

“Já não era prudente atravessar uma rua sem antes olhar para os dois lados.” (GATTAI, 2000, p. 88).

- Capítulo “Imigração italiana”:

Nova imigração italiana chegava a São Paulo. Essa, no entanto, bastante diferente daquela outra, do fim do século, agora homens e mulheres fugiam do regime fascista de Mussolini, em busca de liberdade, dispostos a trabalhar e a lutar por uma vida mais digna. (GATTAI, 1979, p. 288).

## 8.19 DEPÓSITO DE CACHORROS

No início do século XX, o controle de animais em situação de rua era frequentemente feito com veículos projetados para a captura, conhecidos como carrocinhas de cães. Nas imediações da Ponte Pequena, no centro de São Paulo, próximo do atual Centro Esportivo Tietê, existiu um canil municipal, popularmente chamado de depósito de cachorros. No local, os prestadores de segurança pública prendiam os animais capturados, que eram soltos, mediante pagamento, ou mortos na câmara de gás. As práticas de controle animal evoluíram ao longo dos anos, e hoje em dia o controle populacional é feito por meio da esterilização e do incentivo à adoção responsável.

**Imagem 41** — Carrocinha de cães, século XX.



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 42**—Ponte Pequena, São Paulo, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo "Flox, Meu Cão, Meu Camarada":

Com o vício de andar sempre na rua, Flox era de vez em quando apanhado pela “carrocinha de cachorro”, da prefeitura, que recolhia os cães abandonados. (...)

Eu detestava os ‘homens da carrocinha’ ainda mais do que à dona Vicenza. Quando os via acuando um cão - dois e três homens, armados de laços, contra pobre e indefeso animal - sentia ódio dos covardes. Muitas vezes agarrava-me ao bichinho, sem jamais tê-lo visto antes, para evitar que fosse laçado. (...)

As pessoas paradas em torno da disputa tomavam minha defesa, não escondendo sua animosidade contra os ‘inimigos’, que não tiveram outra alternativa senão desistir.

Eu já era sua conhecida de aventuras passadas e por isso me detestavam. Se pudessem me laçariam também, como aos cães.

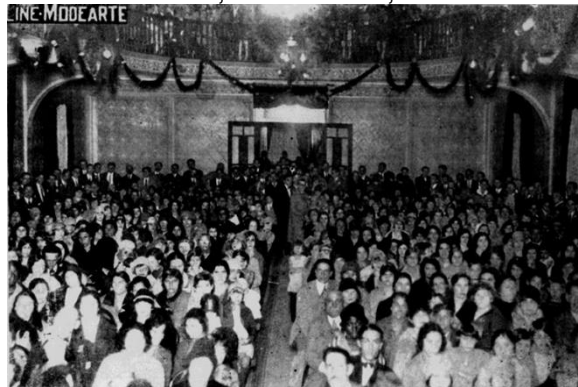
O depósito de cachorros ficava na Ponte Pequena, nas imediações do ‘Clube de Regatas Tietê’, bastante longe lá de casa. Os cães apanhados nas ruas permaneciam presos à disposição dos interessados, durante três dias, em enormes jaulas de ferro. No quarto dia, se ninguém os reclamasse, eram sacrificados em câmaras de gás e depois transformados em sabão. A cada dia que passava, a taxa paga para retirá-los aumentava, acrescida de multa. (...)

A viagem de ida para a “operação resgate do cachorro” era tranquila; apanhava-se dois bondes e tudo bem. A volta é que eram elas! Os motoristas de táxi não aceitavam animais em seus carros, muito menos aquele cachorrão felpudo, soltando pelos por todos os lados! Quanto aos bondes, o problema se repetia: não permitiam animais nos veículos. (GATTAL, 1979, p. 85-87, grifos da autora).

## 8.20 SALÃO DAS CLASSES LABORIOSAS

O Salão das Classes Laboriosas situava-se no Edifício da Associação Auxiliadora Classes Laboriosas, na Rua Roberto Simonsen, no bairro da Sé. Construído no final do século XIX, também era conhecido como Salão dos Operários ou Salão Celso Garcia, em homenagem ao advogado defensor dos direitos dos operários. O espaço, que contava com bibliotecas, salas de reuniões, salões de dança e teatros, era palco de eventos políticos e culturais da classe trabalhadora, como conferências, assembleias, comícios, festas e atividades sindicais. O prédio, no entanto, foi destruído em um incêndio em 1962 e atualmente abriga um monumento em memória, destacando sua importância histórica e política para a cidade.

**Imagem 43** — Salão da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, rua do Carmo, São Paulo, 1929



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 44** — Antigo prédio da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, Rua do Carmo, São Paulo, 2016



Fonte: Augusto César Gomes Valle.

- Capítulo “As classes laboriosas”:

Naquela noite o conde Fróla - esse era o nome do conferencista - falava às massas trabalhadoras e aos intelectuais de São Paulo, nas Classes Laboriosas, salão de festas e conferências, situado no primeiro andar de um sobrado da rua do Carmo, no centro da cidade. (...)

A garotada transformava essas reuniões políticas em divertimentos. Ambiente festivo, todo mundo levava os filhos, costume - ou necessidade - das pessoas pobres que, em geral, não têm com quem deixá-los quando precisam sair. Compareciam crianças de todas as idades, inclusive nenês de peito, que mamavam durante as conferências, o seio servindo de tampão para calar-lhes as bocas quando ameaçavam chorar. (GATTAL, 1979, p. 199-200).

- Capítulo “Oreste Ristori”:

“[Oreste Ristori] vinha convocar papai e mamãe para uma reunião na Lega Lombarda: um encontro entre antifascistas e socialistas, organizado pelo movimento socialista de São Paulo.” (GATTAL, 1979, p. 241).

- Capítulo “Fim do cinema mudo”:

Havia algum tempo que já não frequentávamos as reuniões anarquistas, nas Classes Laboriosas ou na Lega Lombarda; problemas mais concretos, com todas as suas implicações: a luta antifascista, antirracista e anti-imperialista absorvia meus pais, afastando-os, aos poucos, da utopia anarquista. (GATTAL, 1979, p. 312).

## 8.21 GRUPO ESCOLAR DA CONSOLAÇÃO

O Grupo Escolar da Consolação, localizado no bairro da Consolação, foi fundado em 1893 e é considerada uma das instituições de ensino primário mais antigas da cidade. Durante a década de 1920, a escola passou por um período de crescimento e desenvolvimento significativo, tornando-se referência no atendimento à

crianças de diferentes origens sociais. O local abriga, atualmente, o Centro Universitário Maria Antonia da Universidade de São Paulo.

**Imagem 45** — Grupo Escolar da Consolação, rua Maria Antônia, São Paulo, 1913



Fonte: A autoria desconhecida.

**Imagem 46** — Universidade de São Paulo - Centro Universitário Maria Antonia, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo “Spalla x Benedito”:

O grupo escolar ficava longe, nas imediações da Caio Prado, uma porção de ruas movimentadas a atravessar. O que para mamãe representava um obstáculo, para mim era o atrativo. Sentia-me crescida, capaz de enfrentar tranquilamente o trânsito perigoso, ansiosa de andar por minhas pernas. E assim fiz: sem dizer palavra a ninguém, parti sozinha para o Grupo Escolar da Consolação. (GATTAL, 1979, p. 255).

## 8.22 ESCOLA NORMAL

A Escola Normal Caetano de Campos, situada na Praça da República, no centro de São Paulo, tinha como objetivo formar professoras(es) primários a partir de um modelo pedagógico tradicional. Hoje, o edifício funciona como sede da Secretaria Estadual da Educação.

**Imagem 47** — Escola Normal, praça da República, São Paulo, 1890



Fonte: Guilherme Gaensly.

**Imagem 48** — Casa Caetano de Campos, praça da República, São Paulo, 2009



Fonte: Dornicke.

- Capítulo “Fim de caminho”:

A maioria [das meninas que terminavam a quarta série no Grupo Escolar da Consolação], gente pobre e modesta, não estudaria mais. (...) Algumas iriam tentar obter uma das poucas vagas existentes na Escola Normal da praça da República, escola do governo, gratuita, para o ensino ginásial e pedagógico, concorrendo, numa competição muito difícil, com centenas de candidatas. (GATTAI, 1979, p. 290).

## 8.23 PARQUE JARDIM DA LUZ

O Parque Jardim da Luz, localizado no bairro do Bom Retiro, no centro de São Paulo, foi fundado em 1798. Em 1860, parte das terras foi utilizada para construção de uma estação da estrada de ferro, atual Estação da Luz de metrô. Na década de 1920, algumas modificações foram feitas, dando ao parque a configuração atual. Considerado o primeiro jardim público da cidade, o parque é parte integrante do complexo arquitetônico da antiga sede do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, atual Pinacoteca do Estado, e abriga o Museu da Língua Portuguesa, que foi recentemente

reconstruído após um incêndio ocorrido em 2015. O Jardim da Luz é considerado um importante patrimônio histórico e cultural da cidade.

**Imagem 49** — Parque Jardim da Luz, Bom Retiro, São Paulo, 1929



Fonte: Guilherme Gaensly.

**Imagem 50** — Parque Jardim da Luz, Bom Retiro, São Paulo, 2006



Fonte: Gabrielt4e.

- Capítulo "Parque Antártica":

Magro consolo, ela [dona Angelina] nos levava ao Jardim da Luz, menos divertido, porém muito mais econômico. Pra dizer a verdade, pouca coisa havia a fazer nesse bendito Jardim da Luz: correr atrás dos bichinhos soltos no parque - qual a graça? -, comer lanche trazido de casa numa cesta, laranjada ou limonada acondicionada em garrafas, também trazidas de casa. Para que nossos pais tivessem lembranças do crescimento dos filhos, de vez em quando tirávamos retrato num dos lambe-lambes estacionados em frente a uma gruta - de alvenaria - no meio do jardim.

A volta era penosa. Cansada de tanto correr, tinha que ficar de pé no bonde, assim não pagaria passagem. Mesmo que houvesse lugar no banco, mamãe me punha sentada em seu colo ou mantinha-me de pé, caso o colo estivesse ocupado com sacolas e embrulhos, o que não era raro. (GATTAI, 1979, p. 48).

## 8.24 LAGO DE ÁGUAS FÉRREAS

O Lago de Águas Férreas, localizado no bairro de Pacaembu, entre as zonas oeste e central de São Paulo, foi uma área natural utilizada para pesca, banho e passeios de barco na década de 1920. Ao seu redor, em 1940, foi construído o complexo do Estádio do Pacaembu. Com o passar do tempo, o lago, no entanto, foi aterrado e transformado em parte do espaço urbano da cidade.

**Imagem 51** — Praça do Lago de Águas Férreas, Pacaembu, São Paulo, século XX



Fonte: Werner Haberkorn.

**Imagem 52** — Estádio do Pacaembu, Pacaembu, São Paulo, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Várzea e Águas Férreas”:

(...) lugar deserto, perigoso transformado mais tarde, muitos anos mais tarde, no elegante bairro do Pacaembu. Atrações desses ermos eram a caça e uma fonte de água cristalina que dava o nome ao lugar. Formava-se em torno dela um pequeno lago onde bandos de moleques costumavam banhar-se nus. A fonte e o lago de Águas Férreas estavam situados bem no meio da mata, nas profundas de um barranco, onde foi erguido, anos mais tarde, o estádio do Pacaembu. (GATTAI, 1979, p. 145).

## 8.25 VÁRZEA

A área pantanosa conhecida como Várzea foi destruída nas décadas 1910 e 1920 para a construção do atual Jardim América, primeiro bairro da América do Sul planejado com base nas cidades-jardins inglesas. Suas ruas amplas e arborizadas dão acesso a mansões, comércios e restaurantes direcionados à elite paulistana.

**Imagem 53** — Várzea, Jardim América, São Paulo, 1934



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 54** — Jardim América, São Paulo, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Várzea e Águas Férreas”:

Tanto as Águas Férreas quanto a Várzea - localizadas em direções opostas, ambas nas imediações de minha casa eram lugares absolutamente proibidos aos meninos lá de casa.

A Várzea era um pantanal deserto - hoje Jardim América -, reduto de marginais perigosos. (GATTAL, 1979, p. 145).

## 8.26 PARQUE DA ANTÁRTICA

O Parque da Antártica, situado entre os bairros Perdizes e Água Branca, na zona oeste de São Paulo, foi construído em 1902 pela companhia Antarctica Paulista,

que ampliou o espaço de sua cervejaria para um parque público com vastas áreas verdes e de entretenimento. O Parque tornou-se referência nas atividades ao ar livre, sendo sede do primeiro vôo da América Latina e ponto de chegada da primeira corrida de automóveis do Brasil. No estádio de futebol, eram frequentes os campeonatos entre os clubes, principalmente o Palestra Itália, que comprou o parque e o transformou em 1929 no atual estádio Allianz Parque, principal arena multiuso da América Latina, sede do Clube do Palmeiras.

**Imagem 55** — Parque da Antártica, Água Branca, São Paulo, início do século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 56** — Allianz Parque, Água Branca, São Paulo, 2019



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo "Parque Antártica":

Grande programa, o maior, o melhor de todos para mim - a ida ao Parque Antártica, na avenida Água Branca. Ai que frio no estômago, ao subir na roda-gigante! E o carrossel? Era por acaso pouco emocionante montar os coloridos cavalos de pau? Chegava a sentir vertigem naquele sobe-e-desce dos cavalinhos rodando, rodando... Havia um hábito intolerável dos adultos: plantavam-se de pé, cada qual ao lado de sua criança. Eu detestava essa proteção, preferia andar solta, galopar em liberdade. No fundo, no fundo, não seria apenas um pretexto dos sábidos para se divertirem às nossas custas? E os trenzinhos puxados a burro, circulando pelo parque todo? As carrocinhas arrastadas por bodes e carneiros? Os pirulitos de todos os formatos e cores? As bolas de ar, subindo lá no céu, presas por um barbante? O algodão de açúcar? As gasosas e os sanduíches? O parque era divino! Pena não

podemos frequentá-lo sempre. Não adiantava pedir que nos levassem, chorar, espernear. (GATTAL, 1979, p. 47).

## 8.27 SALÃO BELVEDERE TRIANON

O Salão Belvedere Trianon, localizado na Avenida Paulista, área central de São Paulo, foi inaugurado em 1916, em frente ao Parque Trianon. Conhecido como ponto de encontro da alta sociedade paulistana, o palácio possuía salões para festas, recepções e apresentações artísticas, assim como um mirante com terraços panorâmicos para a cidade, que fazia jus ao título traduzido. No final da década de 1920, com a crise do café, o restaurante e os salões foram fechados e um bar foi aberto para atender ao público, que se tornava mais heterogêneo. Em 1953, o Salão foi demolido para ceder espaço à 1ª Bienal de Arte Moderna de São Paulo, evento que motivou, em 1968, à construção do atual Museu de Arte de São Paulo no local.

**Imagem 57** — Salão Belvedere Trianon, avenida Paulista, São Paulo, 1945



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 58** — Museu de Arte de São Paulo, avenida Paulista, São Paulo, 2015



Fonte: Wilfredor.

- Capítulo “Os bailes”:

Pela primeira vez pisaria num salão de baile. Aprendera a dançar, sozinha, espiando pela porta de um salão vizinho à minha casa, aos domingos, o baile do Palmeiras, um clube de futebol que nada tinha a ver com o Palestra Itália, pelo qual eu torcia, mas um timinho de várzea, cujo forte era o baile dominical.

Além dos bailes do Palmeiras, vez ou outra eu ia espiar pelo basculante de uma janelinha as aulas de dança de Madame Poças Leitão, no salão do Trianon, na Avenida Paulista, onde se ergue, hoje em dia, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (Museu de Arte de São Paulo). (GATTAI, 2000, p. 102-103).

## 8.28 CINEMA AMÉRICA

O Cinema América foi um dos primeiros cinemas da cidade, inaugurado em 1922 na Rua Marechal Deodoro, no centro de São Paulo. No local, eram exibidos filmes mudo junto com uma orquestra, que acompanhava as cenas dos filmes com música ao vivo. Considerado moderno para a época, tinha a capacidade de acomodar centenas de espectadores, de diferentes classes sociais. No entanto, com o avanço da tecnologia do cinema sonoro e a popularização das salas de cinema em outros bairros da cidade, o Cinema América passou a enfrentar dificuldades financeiras e foi gradualmente perdendo seu público. Em 1967, foi alvo de incêndio e posteriormente demolido, dando lugar a novas construções.

**Imagem 59** — Cinema América, rua da Consolação, São Paulo, 1943



Fonte: Caio Quintino.

**Imagem 60** — Cinema América, rua da Consolação, São Paulo, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo "Cinema Mudo":

O cinema representava o ponto alto da nossa programação semanal. Próximo à nossa casa, único do bairro, o Cinema América oferecia todas as quintas-feiras uma “*soirée* das moças”, cobrando às senhoras e senhoritas apenas meia-entrada. (...)

O conjunto musical que acompanhava a exibição dos filmes compunha-se de três figuras: piano, violino e flauta. Ano entra, ano sai, o repertório dos músicos era sempre o mesmo. Os primeiros acordes do piano, do violino ou da flauta anunciavam ao público o gênero da fita a começar. Ninguém se enganava. As sessões eram iniciadas com um documentário ou o *natural*, como era chamado por todos, que mostrava os acontecimentos relevantes da semana. Nós, crianças, detestávamos o tal *natural*, e quando terminava, gritávamos em coro, numa só voz, num imenso suspiro de alívio: “Graças a Deus!”. (...)

Acompanhávamos os seriados durante meses a fio, um pedacinho por semana, parando sempre na hora do maior suspense, é claro. (...)

Mesmo à noite, quando a frequência de garotas era menor no cinema, na hora dos *westerns* o barulho tornava-se ensurdecedor. Ninguém ouvia mais nada: nem violino, nem piano, nem flauta. Apenas assobios e gritaria. (GATTAI, 1979, p. 30-33, grifos da autora).

- Capítulo “Fim do cinema mudo”:

Havia um falatório danado, jornais e rádio comentavam o fim do cinema mudo e o lançamento do cinema falado. Grandes divergências de pontos de vista em torno do assunto: uns, encantados com o progresso, com a nova invenção; outros, amigos nossos, furiosos, falando em infiltração americana impondo a língua inglesa aos brasileiros; uns poucos protestavam contra o desemprego dos músicos que tocavam nos cinemas. (...)

Alguns cinemas do centro da cidade já haviam inaugurado a novidade; filas enormes formavam-se às suas portas. O América, como sempre atrasado, fechara para reforma e adaptação dos novos aparelhos de som. (GATTAI, 1979, p. 311).

## 8.29 CIRCOS ITINERANTES

Em frente ao Cinema América, na Rua Marechal Deodoro, zona central de São Paulo, eram erguidas enormes tendas que abrigavam os circos itinerantes, atividade cultural que atraía grandes multidões de todas as idades e classes sociais. Na década de 1920, eram comuns as apresentações artísticas de pessoas com animais, usados na época como entretenimento.

**Imagem 61** — Propaganda do Circo Queirolo, São Paulo, início do século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 62** — Local dos circos itinerantes, rua da Consolação, São Paulo, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo "O Circo":

Íamos apenas aos (circos) que erguiam seu toldo uma vez na vida, outra na morte, num terreno baldio em frente ao Cinema América. (...) Não faltei ao Circo Piolim, ao dos Irmãos Queirolo e a vários outros, estupendos. (...)

Íamos ao circo apenas uma vez cada temporada mas isso era secundário: durante o tempo em que o pavilhão permanecia ali, o bairro se transformava, criava vida nova, a animação fervia. (GATTAL, 1979, p. 45-46).

### 8.30 THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O Theatro Municipal de São Paulo, localizado na Praça da República, centro da cidade, era mais direcionado à elite paulistana e exibia peças de teatro, óperas e espetáculos vindos majoritariamente da Europa. Ao longo dos anos, o Theatro buscou tornar as apresentações mais acessíveis a diferentes públicos.

**Imagem 63** — Theatro Municipal de São Paulo, praça Ramos de Azevedo, São Paulo, 1910



Fonte: Guilherme Gaensly.

**Imagem 64** — Theatro Municipal de São Paulo, praça Ramos de Azevedo, São Paulo, 2019



Fonte: Webysther.

- Capítulo “Consciência pesada”:

Além das conferências, papai passou a nos levar ao teatro com maior frequência, para assistirmos a óperas, e operetas também, segundo ele,

muito instrutivas. Aquelas árias da *Tosca*, da *Aída*, de *O trovador*, de *La Bohème* e tantas outras que conhecíamos de cor e salteado de tanto ouvir pelo gramofone, na voz de Enrico Caruso, agora assistíamos em representações, no palco do Teatro Municipal. (GATTAI, 2000, p. 98, grifos da autora).

### 8.31 2ª CASA DOS GATTAI, RUA ALVES GUIMARÃES

A Rua Alves Guimarães localiza-se no bairro de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, cuja formação remonta o século XVI, quando indígenas se instalaram ao redor do rio Pinheiros, no atual Largo da Batata. Na década de 1930, o bairro já era um dos principais centros comerciais e residenciais da cidade, conhecido por abrigar uma classe média alta e diversos estabelecimentos comerciais. Durante esse período, a rua tinha um aspecto mais tradicional, com a presença de casarões e prédios baixos. Ao longo dos anos, adaptou-se às transformações urbanas e manteve sua variedade de bens e serviços, principalmente com restaurantes, bares e escritórios destinados à classe social mais abastada.

**Imagem 65** — Rua Alves Guimarães, local da 2ª casa da família Gattai, São Paulo, 1940



Fonte: José Simão Filho.

**Imagem 66** — Rua Alves Guimarães, São Paulo, 2022



Fonte: Google Maps.

- Capítulo “Mudança”:

Ainda morávamos na Alameda Santos, quando o pior aconteceu.

Numa bela manhã, de surpresa, apareceu o proprietário da casa em que vivíamos, da casa onde nasci, e, sem a menor cerimônia, pediu-nos que a desocupássemos, ele queria morar nela. Nesse dia o mundo desabou sobre minha cabeça. (...)

Combinação feita com minhas irmãs e seus maridos, nos mudamos para o sobradinho onde viviam, em Pinheiros.

Casa pequena para tanta gente, lugar triste, dando os fundos para o Cemitério São Paulo, um horror para quem estava habituado a viver na largueza. Não me conformei com a mudança, senti uma tristeza infinita mas não reclamei, o que adiantava?

Nessa casa, na vila de sobradinhos da Alves Guimarães, não havia nem mesmo um quarto para mim, e eu passei a dormir num diva, num vão de escada. (GATTAI, 2000, p. 163).

## 8.32 SÃO CAETANO DO SUL

O município de São Caetano do Sul, localizado no estado de São Paulo, foi formado em 1670 com a construção da Fazenda do Tijucuçu, posteriormente chamada de Fazenda São Caetano, por frades beneditinos radicados no Brasil. Em 1877, a Fazenda se transformou no Núcleo Colonial, inaugurado com a chegada dos primeiros imigrantes italianos. Na década de 1920, com a expansão da indústria automobilística, a cidade passou por um processo acelerado de crescimento populacional e urbanização, se destacando também na área de educação. Atualmente, a cidade continua a ser reconhecida como um importante centro industrial, além de contar com uma ampla variedade de serviços, comércio e lazer.

**Imagem 67** — São Caetano do Sul, 1905



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 68** — São Caetano do Sul, 2010



Fonte: Autoria desconhecida.

- **Capítulo "Trem de Segunda Classe":**

Uma vez por semana visitava sua irmã Margarida [da Col], no Brás, e uma vez por mês ia a São Caetano, onde moravam - em chácaras vizinhas - seus irmãos Angelim e Gígio.

Viagem cheia de baldeações, complicada. Tomava se dois bondes para chegar à Estação da Luz. Na Estação da Luz apanhava-se o trem parador que ia chegando e despejando passageiros em todas as estações: Brás, Mooca, Ipiranga, Vila Prudente e ainda outras, antes de alcançar o nosso destino: São Caetano.

Mamãe só viajava de segunda classe. Nesse caso não era por economia e sim por ser "muito mais divertido...". Nos vagões de segunda, era permitido o transporte de volumes grandes e de animais. Viviam sempre apinhados de gente, de bichos e de mercadorias. Todo mundo se atropelava, ao entrar no trem, na ânsia de conseguir sentar - havia o costume de marcar lugar pela janela antes de subir ao vagão - tropeçando em jacás de frutas e de verduras, em trouxas de roupas, em bujões de leite, em cestas de ovos e em gente mesmo. (...)

Em menos de uma hora de viagem chegávamos a São Caetano, sujos de fuligem, cheios de novidades e piadas para no regresso contar aos que não tinham sido escalados naquele dia.

Caminhávamos ainda uns bons dois quilômetros antes de chegar à chácara de tio Angelim. (GATTAI, 1979, p. 66-67, grifos da autora).

### 8.33 ESTRADA VELHA DE SANTOS

A Estrada Velha de Santos, conhecida atualmente como Caminho do Mar, foi uma das primeiras rotas de comunicação entre a capital paulista e o Porto de Santos, no litoral do estado. Construída no século XVI, durante o período colonial, a Estrada apresentava uma grande cadeia de montanhas, denominada Serra do Mar, assim como diversas curvas acentuadas, penhascos e riachos. Ao longo dos anos, a Estrada passou por algumas modificações, visando facilitar o tráfego e tornar o percurso mais seguro. Com a inauguração da Rodovia Anchieta em 1947, a Estrada Velha de Santos deixou de ser a rota principal. Parte dela, no entanto, vem sendo preservada e utilizada como atrativo turístico e cultural.

**Imagem 69** — Estrada Velha de Santos, 1920



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 70** — Rodovia Caminho do Mar, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo "São Paulo-Santos, ida e volta":

[No reide São Paulo-Santos. os pilotos] partiram de casa ao alvorecer, pela estrada do Vergueiro. (...) Pelo caminho aberto no século passado, transitavam burros de carga e pequenos veículos a tração animal, não existindo condições para a passagem de automóveis.

Com os instrumentos que levavam (...) abriram caminhos cortando árvores, removendo pedras, arrancando raízes (...). (GATTAL, 1979, p. 22-23).

- Capítulo "Restaurante Quágliã":

O Restaurante Quaglia ficava no alto da serra de Santos, numa casa grande, com terraço coberto na frente; do lado de fora, quiosques cobertos de sapê, alguns balanços e gangorras para crianças. (...)

(...) patrícios endinheirados não se incomodavam com o péssimo caminho de terra - quilômetros intermináveis de estrada esburacada e a maçante passagem obrigatória por São Bernardo, cheio de valetas ou mata-burros, cavalos na rua principal a fim de evitar excessos de velocidade no centro urbano. Nem o preço caro nem as dificuldades do caminho impediam a frequência ao restaurante do alto da serra. Era passeio e aventura. (GATTAL, 1979, p. 116-117, grifos da autora).

- Capítulo "Primeiro contato com o mar":

Logo depois do Restaurante Quágliã, começava a descida da serra. A mata densa, de um misterioso verde-escuro, chegava às vezes ao preto. De vez em quando uma cachoeira iluminava a paisagem, alegrando a vista. Tudo era novo para mim. Na tabuleta à beira da estrada, uma caveira pintada e a indicação que meus irmãos leram animados: curva da morte a quinhentos metros. Passamos por muitas outras curvas perigosas antes de chegar à raiz da serra.

Começava agora o Cubatão, outra paisagem inédita para mim: quilômetros e quilômetros de bananeiras plantadas em terreno úmido acompanhavam a estrada até chegar a Santos. (GATTAL, 1979, p. 160-161).

## 8.34 PRAIA DE GONZAGA, SANTOS

A Praia de Gonzaga localiza-se no município litorâneo de Santos, em São Paulo. Na primeira metade do século XX, a Praia era frequentada principalmente pela elite local. A infraestrutura urbana se expandiu com a construção do primeiro calçadão da praia, acompanhada por trilhos dos bondes e asfalto para a circulação de automóveis. Na década de 1960, o local passou por um intenso processo de urbanização, onde foram instalados bares, restaurantes, hotéis e comércios, além de prédios, que verticalizaram a paisagem ao redor da praia. Atualmente, o calçadão encontra-se ampliado, dividindo espaço com ciclovias, praças, quiosques, parques infantis e quadras esportivas.



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 72** — Praia do Gonzaga, Santos, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Primeiro contato com o mar”:

Entramos em Santos pela praia do Gonzaga, cheia de hotéis. Depois vieram as de José Menino, Ilha Porchat, São Vicente, papai apresentando-as aos filhos, contente com as reações de admiração das crianças. Na praia do Gonzaga mudamos a roupa num hotel e, enquanto os pais ficaram bebericando no bar do terraço, na calçada, corremos para as ondas. (...)

Sol ainda alto, papai aconselhou que regressássemos. Traçoeira, a neblina na serra não tinha hora para baixar, e no escuro, à noite, as coisas se complicavam, a falta de visibilidade não era brincadeira. (GATTAL, 1979, p. 161).

### 8.35 PRAIA DAS PITANGUEIRAS, GUARUJÁ

A Praia das Pitangueiras, conhecida anteriormente como Praia das Laranjeiras, situa-se no município litorâneo do Guarujá, no estado de São Paulo. Na década de 1920, o local tinha poucas construções e o acesso à praia era feito por meio de embarcações e trilhas. Na medida em que o turismo foi se intensificando, a Praia passou a contar com uma rede de infraestrutura urbana, comércio e serviços, como hotéis e restaurantes na orla. Em 1960, com a construção do arranha-céu La Plage, a Praia passou por um processo de verticalização e crescimento imobiliário, o que

impactou a própria paisagem. Atualmente, a Praia das Pitangueiras dispõe de uma ampla gama de serviços, destinados, no entanto, à população com alto poder aquisitivo.

**Imagem 73** — Praia do Pitangueiras, Guarujá, início do século XX



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 74** — Praia das Pitangueiras, Guarujá, século XXI



Fonte: Autoria desconhecida.

- Capítulo “Veraneio”:

O anúncio dizia: ‘Aluga-se, para temporada, lindo bungalow mobiliado, na praia do Guarujá, perto do restaurante Astúrias. Aluguel, 250\$000 (duzentos e cinquenta mil-réis). Tratar avenida Rebouças número...’. (...)

O ‘lindo bungalow’ não era tão lindo assim, mas tinha alpendre e ficava em frente ao mar, em plena praia. Era grande, muitos quartos, o suficiente para hospedar parentes e amigos. Em lugar de jardim, o mato circundava a casa, terreno pantanoso, poças de água parada por todo o lado.

Lugar completamente deserto, duas outras casas apenas nas imediações, o Restaurante Astúrias, distante, isolado, no alto de umas pedreiras. Praia larga de areia alva, água de mar mais límpida jamais vi, verde ‘como líquidas esmeraldas...’, coisa mais linda, impossível! (GATTAL, 1979, p. 257-258, grifos da autora).

- Capítulo “Fim de veraneio”:

“Ao anunciar o ‘lindo *bungalow*’ o proprietário se esquecera de avisar que a praia, linda, maravilhosa, não era saneada, que a malária andava solta por lá.” (GATTAL, 1979, p. 260, grifos da autora).

- Capítulo “Novos horizontes”:

“Nossa temporada devia ser de três meses, mas durou apenas dois. Picados por mosquitos venenosos, que à noite invadiam, em nuvens, a casa, apanhamos impudismo, todo mundo ficou doente.” (GATTAL, 2000, p. 100).

### 8.36 CAPELA DO RIBEIRÃO, MOGI DAS CRUZES

O vilarejo da Capela do Ribeirão, situado em Mogi das Cruzes, São Paulo, abriga a Adutora Rio Claro, um projeto de infraestrutura urbana, construído na década de 1920. Com o objetivo de garantir o abastecimento regular de água para a população, bem como para as atividades industriais e comerciais, a adutora é responsável por uma série de atividades que envolve etapas como captação de água do Rio Claro, tratamento, armazenamento nos reservatórios e distribuição em zonas rurais e urbanas, incluindo a capital paulista. A Adutora Rio Claro vem contribuindo crescimento urbano, desde sua instalação, com a chegada dos trabalhadores que movimentaram a economia local, quanto pela sua função de atender às demandas crescentes por água.

**Imagem 75** — Adutora Rio Claro, Capela do Ribeirão, 1929



Fonte: Autoria desconhecida.

**Imagem 76** — Adutora Rio Claro, Capela do Ribeirão, século XXI



Fonte: Augusto de Carvalho.

### Capítulo “Novas amigas”:

A família Zangrando morava, havia poucos anos, em Capela do Ribeirão, lugarejo próximo a Mogi das Cruzes, onde estavam construindo uma adutora, a Adutora Rio Claro, que levaria água para São Paulo.

O movimento de engenheiros, funcionários de escritório, operários havia transformado o lugarejo miserável num centro animado, atração de moças de Mogi e mesmo da capital, que iam a Capela em busca de namorados.

A pensão de dona Terezinha, mulher de Pierim, a única que fornecia refeições aos funcionários da empresa, tornou-se o ponto de encontros. (GATTAI, 2000, p. 137).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de trabalhar com a produção de Zélia Gattai e as paisagens urbanas retratadas em seus livros veio do desejo de valorizar a contribuição das mulheres no estudo das cidades. O conceito de Pesavento (2008) de escritoras como leitoras e produtoras especiais da cidade deu luz ao trabalho feito pela memorialista, que eterniza, em suas obras, experiências cotidianas, eventos históricos e tradições culturais que se formavam ao longo do século XX em São Paulo.

Com isso, temos acesso a um acervo de recordações, de valor artístico e urbanístico. Sua interação com o espaço, expressada inconscientemente através da geopoética, marca sua escrita afetiva, carregada de emoções e sentimentos. Seus relatos permitem às leitoras e leitores viajarem no tempo pelos lugares, em um passeio geopoético.

O georreferenciamento dos lugares relatados por Zélia, feito com a ferramenta digital do Google My Maps, de acesso livre, possibilita ao público localizar e visualizar

elementos diversos que envolvem os pontos e linhas. Por exemplo, nos deparamos com lugares preservados, lugares modificados e outros ainda deteriorizados. A memória urbana atravessa o tempo por meio de histórias contadas e escritas. Com o mapeamento afetivo, é possível construir roteiros de turismo literário. A história, a arte, a cultura e a política presentes nas obras de Zélia enriquecem o material de estudo.

Conclui-se que meninas e mulheres constroem cultura nas cidades e é fundamental valorizar suas contribuições e perspectivas. É necessário dar espaço às percepções e reflexões das mulheres sobre o uso do espaço urbano, tanto no âmbito acadêmico quanto nas decisões relacionadas ao destino das cidades.

## REFERÊNCIAS

ANPUH. Resumo UNICAMP 2012. Disponível em: [http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342564465\\_ARQUIVO\\_ResumoUNICAMP2012.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342564465_ARQUIVO_ResumoUNICAMP2012.pdf). Acesso em: 27 mai. 2023.

Associação de Pesquisa Histórica e Reconstituição de Iracemápolis e Região. 90 anos de Iracemápolis. Disponível em: [https://aphrioclaro.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/LIVRO\\_ACIRC\\_90\\_ANOS.pdf](https://aphrioclaro.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/LIVRO_ACIRC_90_ANOS.pdf). Acesso em: 11 jun. 2023.

BBC News Brasil. Entre amor livre e fome, a vida na colônia Cecília, uma malsucedida experiência anarquista do Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52973847/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

BRAGHITTONI, Nelson. Diálogo Rua/Cidade: o caso da Rua Direita em São Paulo (1765-1977). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-08032016-154309/pt-br.php>.

Cinemas de São Paulo. América I (São Paulo-SP). Disponível em: <http://www.cinemasdesp2.com.br/2014/11/america-i-sao-paulo-sp.html>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Door of Perarolo. Perarolo Then and Now. Disponível em: <https://doorofperarolo.blogspot.com/2014/06/perarolo-then-and-now.html>. Acesso em: 20 mai. 2023.

EJA USP. A Carrocinha Ainda Existe. Disponível em: <https://www.ejavusp.com/post/a-carrocinha-ainda-existe>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Estádio do Pacaembu. História do Estádio do Pacaembu. Disponível em: <https://www.estadiodopacaembu.com.br/historia-do-estadio-do-pacaembu/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

FANI et al. A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo, SP: Editora Contexto, 1ª Edição, p. 41-51, 2011.

Fundação Pró-Memória. Lista de Freguesias e Municípios. Disponível em: <http://www.fpm.org.br/Tempo/List>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GATTAI, Zélia. Anarquistas, Graças a Deus. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1ª Edição, p. 270, 1979. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1ª edição, p. 344, 2009.

GATTAI, Zélia. Città di Roma. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record; 4ª edição, p. 172, 2000.

Gonzaga, o 'rei da praia'. Disponível em: <http://memoriasantista.com.br/?p=1361>. Acesso em: 10 jun. 2023.

IBGE - Cidades. Cândido Mota. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/candido-mota/historico/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

Instituto Bixiga. Bixiga: chão de muitos povos. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/bixiga-chao-de-muitos-povos/>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Italianismo. Viagem dos imigrantes italianos ao Brasil demorava até 40 dias. Disponível em: <https://italianismo.com.br/viagem-dos-imigrantes-italianos-para-o-brasil-demorava-ate-40-dias/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

Juicy Santos. A primeira viagem de carro entre São Paulo e Santos. Disponível em: <https://www.juicysantos.com.br/vida-013/nostalgia-santista/a-primeira-viagem-de-carro-entre-sao-paulo-e-santos/>. Acesso em: 27 mai. 2023.

LEHMT. Lugares de Memória dos Trabalhadores #41: Rua Caetano Pinto, Brás, São Paulo (SP). Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-41-rua-caetano-pinto-bras-sao-paulo-sp-luigi-biondi/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

Memória Santista. Gonzaga, o 'rei da praia'. Disponível em: <http://memoriasantista.com.br/?p=1361>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Novo Milênio. Aterro da praia do Embaré. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos032a.htm>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Novo Milênio. Fotos antigas - Guarujá. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto010.htm>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PEREIRA, Syrléa Marques. Entre Histórias, Fotografias e Objetos: imigração italiana e memórias de mulheres. Tese (Pós-graduação em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, p. 280. 2008.

PESAVENTO, Sandra. História: memória e centralidade urbana. PESAVENTO, Sandra. História, Memória e Centralidade Urbana. Revista Mosaico: História, Cultura e Poder - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás. p. 10, 2008. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225>.

Porto de Santos. História. Disponível em:  
<https://www.portodesantos.com.br/conheca-o-porto/historia-2/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

POULET, Régis. A geopoética ou como abrir um mundo. Disponível em:  
<https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Prefeitura de São Paulo. Alameda Santos. Disponível em:  
<https://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/historia-da-rua/alameda-santos/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

Prefeitura de São Paulo. A história do bairro da Liberdade. Disponível em:  
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/?p=21873>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Prefeitura de São Paulo. Pinheiros - Histórico. Disponível em:  
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/pinheiros/historico/index.php?p=472>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Revista da ADE. História de um prédio especial. Disponível em:  
[http://revistadae.com.br/artigos/artigo\\_edicao\\_6\\_n\\_1365.pdf](http://revistadae.com.br/artigos/artigo_edicao_6_n_1365.pdf). Acesso em: 11 jun. 2023.

R7 Notícias. Circo marca história da cidade de São Paulo desde o século XIX. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/fotos/circo-marca-historia-da-cidade-de-sao-paulo-desde-o-seculo-xix-27032022#/foto/1>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, p. 18, 2014. Disponível em:  
[http://www.29ba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014806\\_ARQUIVO\\_Limites\\_e\\_possibilidades\\_da\\_cartografia.pdf](http://www.29ba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014806_ARQUIVO_Limites_e_possibilidades_da_cartografia.pdf).

São Paulo Antiga. Classes Laboriosas. Disponível em:  
<https://saopauloantiga.com.br/classes-laboriosas/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

São Paulo Infoco. Belvedere Trianon: obra de arte antes do MASP. Disponível em:  
<https://www.saopauloinfoco.com.br/belvedere-trianon-obra-de-arte-antes-do-masp/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

São Paulo Infoco. Jardim da Luz. Disponível em:  
<https://www.saopauloinfoco.com.br/jardim-da-luz/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

São Paulo Infoco. O bairro boêmio de São Paulo: a Vila Madalena. Disponível em:  
<https://www.saopauloinfoco.com.br/o-bairro-boemio-de-sao-paulo-a-vila-madalena/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

São Paulo Minha Cidade. O Grupo Escolar. Disponível em:  
<https://saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/5190/O%2BGrupo%2BEscolar>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Sociedade Esportiva Palmeiras. Parque Antártica. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/parque-antartica/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SPCity. Série Avenida Paulista: modernos palacetes, antigos arranha-céus, paulistanos vice-versa. Disponível em: <https://spcity.com.br/serie-avenida-paulista-modernos-palacetes-antigos-arranha-ceus-paulistanos-vice-versa/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

SP Bairros. Consolação. Disponível em: <https://www.spbairros.com.br/consolacao/>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Templo Cultural Delfos. Zélia Gattai. 2016. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2016/07/zelia-gattai.html>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Universitat de Barcelona. Un paseo por la antigua São Paulo. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-355.htm>. Acesso em: 03 jun. 2023.

VIEIRA, Claudia Andrade. *Imagens Reveladas, Diferenças Veladas: relações de gênero na dinâmica do espaço público na cidade do Salvador, Bahia*. Salvador, BA: EDUNEB; 1ª edição, p. 359, 2017.